

O APELO DA LUA

PATRICIA BRIGGS

Tradução de Manuel Alberto Vieira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*




SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Este livro é para

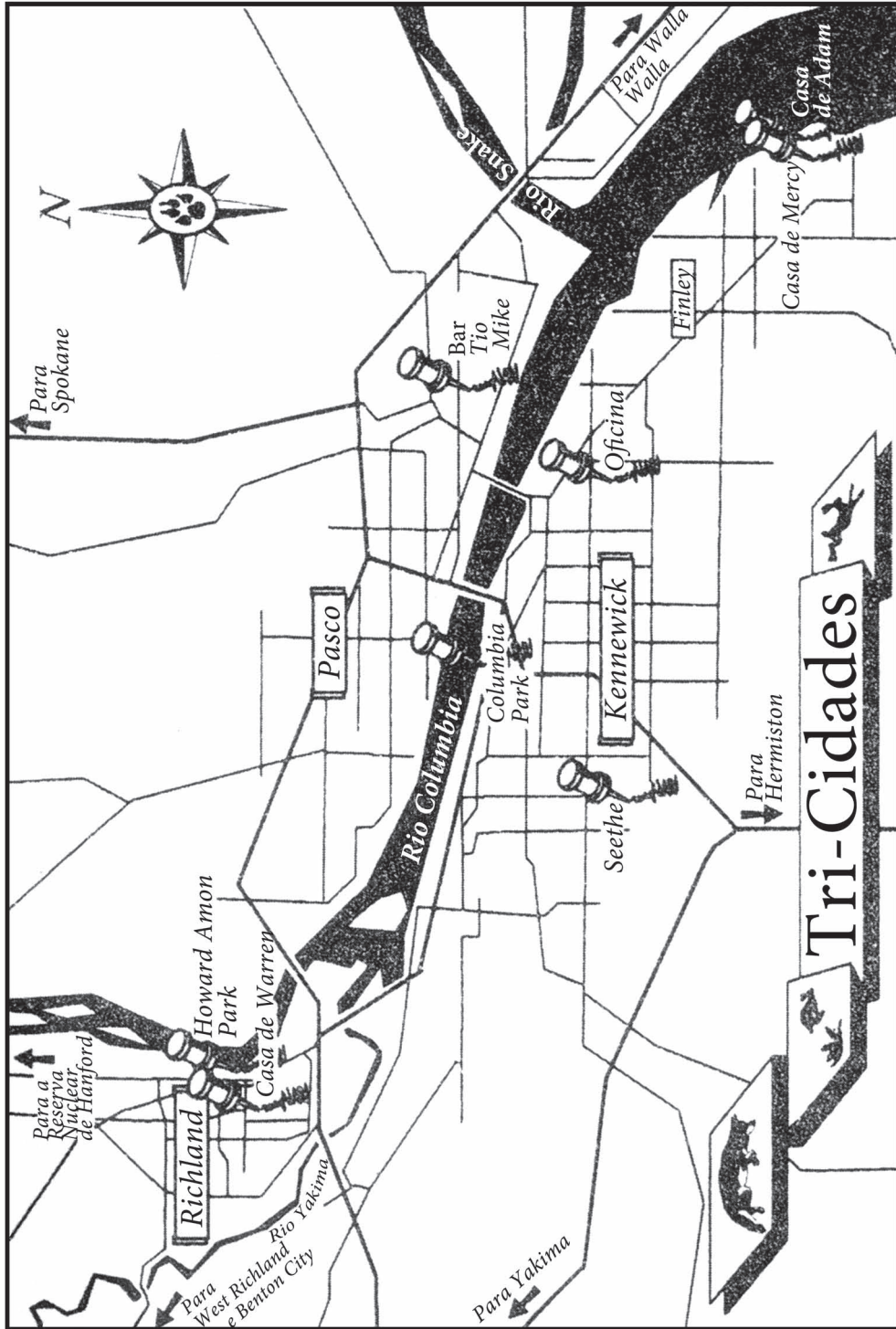
*Almeda Brown Christensen, mãe de Kaye, que gosta dos meus livros;
Alice e Bill Rieckman, que gostam tanto de cavalos como eu;
e em memória de Floyd "Buck" Buckner, um bom homem.*



Agradecimentos

Como sempre, este livro não teria sido possível sem o meu corpo editorial privado: Michael e Collin Briggs, Michael Enzweiler (que também desenha os mapas), Jeanne Matteucci, Ginny Mohl, Anne Peters e Kaye Roberson. Também gostaria de agradecer à minha fantástica editora da Ace, Anne Sowards, e à minha agente, Linn Prentis. Bob Briggs respondeu a uma chusma de perguntas sobre a vida selvagem e os lobos em Montana. Por último, a Mercedes agradece especialmente a ajuda de Buck, Scott, Dale, Brady, Jason, e toda a malta que ao longo dos anos trabalhou nos nossos VW. Obrigada a todos. Qualquer erro encontrado neste livro é da minha responsabilidade.







A princípio não me apercebi de que era um lobisomem. O meu olfato não é o mais apurado quando me vejo rodeada de massa lubrificante e óleo queimado — e não é propriamente comum ver-se lobisomens vadios a vaguear por aí. Pelo que quando alguém produziu um ruído discreto perto dos meus pés para atrair a minha atenção, pensei que era um cliente.

Estava encafuada debaixo do compartimento do motor de um *Jetta*, a instalar uma caixa de velocidades reconstruída no seu novo destino. Um dos inconvenientes de gerir uma oficina de uma só mulher era ter de parar e começar de cada vez que o telefone tocava ou um cliente aparecia. Isso punha-me mal-humorada — o que não é bom para lidar com os clientes. O meu fiel moço de recados e dispensador de ferramentas tinha ido para a universidade e ainda não o substituíra — é difícil encontrar alguém que faça todos os trabalhos que eu não quero realizar.

— Dê-me só um segundo — disse, fazendo por não soar resmungona. Faço o melhor que posso para não afugentar os meus clientes se estiver ao meu alcance evitá-lo.

Para o diabo com os macacos de transmissão, a única forma de colocar uma caixa de velocidades num *Jetta* velho é através do músculo. Por vezes, ser uma mulher é útil no meu ramo — as minhas mãos são mais pequenas, portanto consigo fazê-las chegar a sítios que um homem não é capaz. No entanto, nem mesmo o levantamento de pesos e o karaté me podem tornar tão forte quanto um homem forte. Normalmente a força de alavanca pode servir de compensação, mas por vezes não existe substituto para o músculo, e eu não tinha mais do que o mínimo necessário para realizar o trabalho.

Grunhindo por causa do esforço, segurei a caixa no devido lugar com

os joelhos e uma mão. Com a outra, enfiei o primeiro parafuso e apertei-o. Não estava terminado, mas a caixa aguentar-se-ia ali enquanto falava com o meu cliente.

Respirei fundo e esbocei um sorriso bem-disposto como forma de exercício, após o que deslizei de debaixo do carro. Lancei a mão a um farapo para limpar o óleo das mãos e disse «Em que posso ajudá-lo?» antes de lançar um olhar suficientemente atento ao rapaz para perceber que não se tratava de um cliente — embora, a julgar pelo seu aspeto, fosse evidente que *alguém* o devia ajudar.

As joelheiras das suas calças de ganga tinham sido estraçalhadas e estavam manchadas de sangue ressequido e terra. Por cima de uma t-shirt, trazia uma camisa de flanela demasiado pequena — uma indumentária desadequada ao novembro de Washington oriental.

Tinha um aspeto descarnado, como se não comesse há muito tempo. Mesmo com os cheiros a gasolina, óleo e anticongelante que impregnavam a oficina, o meu olfato disse-me que tinha passado um período de tempo igualmente longo desde a última vez que vira um chuveiro. E, por baixo da sujidade, do suor, e do velho medo, distinguia-se o odor característico de um lobisomem.

— Gostava de saber se tem algum trabalho que eu possa fazer — perguntou hesitantemente. — Não um emprego a sério, minha senhora. Apenas algumas horas.

Senti-lhe o cheiro da ansiedade, que a seguir foi abafado por um assomo de adrenalina por não ter recusado de imediato. As palavras dele aceleraram até começarem a esbarrar umas nas outras.

— Um emprego também seria bom, mas não tenho um cartão da segurança social, portanto os pagamentos teriam de ser feitos por baixo da mesa.

As pessoas que aparecem à procura de trabalho em troca de dinheiro vivo são, na sua maioria, ilegais que tentam desenrascar-se entre a época das colheitas e a época de cultivo. Aquele rapaz era o típico americano de classe média — excluindo a parte de ser um lobisomem — com cabelo e olhos castanhos. Tinha altura suficiente para ter dezoito anos, supus, porém os meus instintos, que são bastante apurados, diziam-me que estaria mais próximo dos quinze. Tinha os ombros largos mas ossudos, e as mãos eram um bocado grandes, como se ainda tivesse de crescer um pedaço até se tornar o homem que viria a ser.

— Sou forte — disse. — Não sei grande coisa sobre reparações de carros, mas costumava ajudar o meu tio a manter o Carocha dele a funcionar.

Acreditei que fosse forte: os lobisomens são-no. Mal tinha detetado o odor a almíscar e menta, sentira o impulso nervoso de expulsá-lo do meu

território. Porém, não sendo um mulher-lobo, controlo os meus instintos — não sou controlada por eles. Mas aquele rapaz, que tremia ligeiramente por força do clima húmido de novembro, despertou em mim outros instintos mais intensos.

Tenho como política pessoal não infringir a lei. Respeito os limites de velocidade, tenho os meus carros no seguro, pago ao Estado um bocadinho mais de impostos do que aquilo a que sou obrigada. Já tinha oferecido uma ou duas notas de vinte a pessoas que mas tinham pedido, mas nunca contratei ninguém que não pudesse figurar na minha folha de pagamentos. Também havia o problema de ele ser um lobisomem, e um principiante nisso, no meu entender. Os novos têm menor controlo sobre o lobo que existe neles do que os outros.

Não tinha feito nenhum comentário sobre quão estranho era ver uma mulher a trabalhar como mecânica. Muito provavelmente vinha-me vigiando desde há algum tempo, o suficiente para se habituar à ideia — mas, ainda assim, não dissera nada, e isso dava-lhe vantagem. Mas não a vantagem suficiente para aquilo que eu estava prestes a fazer.

Esfregou as mãos e soprou-as para aquecer os dedos, que estavam vermelhos do frio.

— Está bem — disse eu, vagarosamente. Não foi a mais sagaz das respostas, porém, ao observar os seus tremores lentos, era a única que podia dar. — Vamos ver como resulta. Há uma lavandaria e um chuveiro atrás daquela porta. — Apontei para a porta nas traseiras da oficina. — O meu último ajudante deixou alguns dos seus fatos-macacos velhos. Vais encontrá-los pendurados nos cabides na lavandaria. Se quiseres tomar um duche e vestir um deles, podes meter as roupas que trazes vestidas a lavar na máquina. Há um frigorífico na lavandaria com uma sandes de fiambre e um bocado de gasosa. Come, depois volta quando estiveres pronto.

Coloquei alguma ênfase na palavra «come»: não estava disposta a trabalhar com um lobisomem faminto, nem mesmo a quase duas semanas da Lua cheia. Algumas pessoas dirão que os lobisomens só são capazes de se transformar durante a Lua cheia, mas as pessoas também dizem que os fantasmas não existem. Ouviu a ordem e pôs-se hirto, levantando os olhos na direção dos meus.

Passado um momento, pronunciou um obrigado entre dentes e atravessou o limiar da porta, fechando-a suavemente atrás de si. Libertei o ar que tinha estado a suster. Sabia que não era prudente dar ordens a um lobisomem — por causa daquela coisa do reflexo da dominação.

Os instintos dos lobisomens são inconvenientes — é por isso que não tendem a viver muito tempo. Esses mesmos instintos são a razão pela qual

os seus irmãos selvagens foram vencidos pela civilização enquanto os coiotes prosperaram, inclusive nas áreas urbanas como Los Angeles.

Os coiotes são *meus* irmãos. Oh, não sou uma mulher-coiote — se é que tal coisa existe. Sou uma caminhante.

O termo deriva de «mutante caminhante», uma feiticeira das tribos índias do sudoeste americano que utiliza uma pele para se transformar num coiote ou qualquer outro animal e anda por aí a provocar a doença e a morte. Os colonos brancos usavam incorretamente o termo para designar todos os metamorfos nativos e o nome pegou. Não estamos propriamente em posição de objetar — mesmo que nos revelássemos em público como aconteceu com os seres feéricos menores, não existimos em número suficiente para que valha a pena o alvoroço.

Não me parece que o rapaz tivesse percebido o que eu era, de outro modo nunca viraria costas a mim, outro predador, e atravessaria a porta para tomar um duche e mudar de roupa. Os lobos podem ter um faro muito apurado, mas a oficina estava cheia de odores estranhos, e duvidava que algum dia tivesse cheirado alguém como eu.

— Acabaste de contratar um substituto para o Tad?

Virei-me e deparei com Tony a entrar desde o exterior através das portas basculantes abertas, onde evidentemente estivera à espreita, atento à cena entre mim e o rapaz. Tony era bom nisso — era o seu trabalho.

O seu cabelo negro estava puxado para trás e preso num pequeno rabo-de-cavalo e tinha a barba cuidadosamente feita. A sua orelha direita, reparei, tinha quatro furos e ostentava três pequenas argolas e um *piercing* com um diamante. Acrescentara dois desde a última vez que o tinha visto. Enfiado numa *sweatshirt* com capuz, cujo fecho aberto exibia uma t-shirt fina que mostrava os resultados de todas as horas que passara no ginásio, parecia um póster de recrutamento para um dos gangs hispânicos locais.

— Estamos a negociar — disse eu. — Por agora é só temporário. Estás a trabalhar?

— Não. Deram-me folga por bom comportamento. — Todavia ainda estava concentrado no meu novo empregado, porque disse: — Vi-o por estas bandas nos últimos dias. Parece-me porreiro... Um fugitivo, talvez. — Porreiro significava nada de drogas ou violência, sendo este último facto tranquilizador.

Quando comecei a trabalhar na oficina cerca de nove anos antes, Tony geria uma pequena casa de penhores ao virar da esquina. Uma vez que tinha a máquina de refrigerantes mais próxima, via-o com relativa frequência. Passado algum tempo, a casa de penhores passou para as mãos de outra pessoa. Não pensei muito no assunto até lhe ter sentido o cheiro numa altu-

ra em que estava postado na esquina de uma rua com um anúncio que dizia TRABALHO EM TROCA DE COMIDA.

Digo «sentido o cheiro» porque o putto de olhos fundos que segurava o anúncio não se parecia lá muito com o homem de meia-idade discreto e bem-disposto que geria a casa de penhores. Sobressaltada, cumprimentara-o usando o nome pelo qual o tinha conhecido. O putto limitou-se a olhar para mim como se eu fosse maluca, mas na manhã seguinte Tony estava à minha espera na oficina. Foi aí que me disse o que fazia para ganhar a vida — Nem sequer sabia que um sítio com a dimensão de Tri-Cidades¹ teria chuis disfarçados.

Depois disso, começou a aparecer de vez em quando na oficina. A princípio, vinha com uma aparência diferente em cada ocasião. Tri-Cidades não é assim tão grande, e a minha oficina ficava no limite da zona de Kennewick com maior índice de criminalidade. Pelo que é possível que apenas aparecesse por aquelas bandas quando era destacado para a zona, mas cedo compreendi que a verdadeira razão era que se sentia incomodado com o facto de eu o reconhecer. Não podia propriamente dizer-lhe que me tinha limitado a cheirá-lo, pois não?

A sua mãe era italiana e o pai venezuelano, e a mistura genética de- ra-lhe traços e um tom de pele que lhe permitiam passar por tudo desde mexicano a afro-americano. Se fosse necessário, ainda conseguia fazer-se passar por um rapaz de dezoito anos, embora com certeza fosse vários anos mais velho do que eu — trinta e três ou algo parecido. Falava espanhol fluentemente e conseguia usar meia dúzia de sotaques diferentes para temperar o seu inglês.

Todos esses atributos tinham-no conduzido ao trabalho sob disfarce, mas o que realmente fazia dele bom era a sua linguagem corporal. Era capaz de caminhar com o gingar característico dos rapazes hispânicos bem-parecidos ou arrastar-se com a energia nervosa de um toxicodependente.

Passado algum tempo, aceitou o facto de eu ser capaz de lhe adivinhar os disfarces que enganavam o seu patrão e, afirmava ele, a sua própria mãe, mas por essa altura éramos amigos. Continuou a aparecer para um café ou um chocolate quente e uma cavaqueira amigável sempre que estava por perto.

— Estás com um aspeto muito jovem e macho — disse-lhe. — Os brincos são um novo visual para o Departamento de Polícia de Kennwick? A polícia de Pasco usa dois brincos, portanto os chuis de Kennewick têm de ter quatro?

¹ Originalmente «Tri-Cities». Área no estado de Washington composta pelas três cidades vizinhas de Kennewick, Pasco e Richland. (*N. do T.*)

Exibiu-me um sorriso rasgado, e isso fê-lo parecer simultaneamente mais velho e mais inocente.

— Tenho estado a trabalhar em Seattle nos últimos meses — disse. — Também tenho uma tatuagem nova. Felizmente para mim, está num sítio onde a minha mãe nunca a verá.

Tony dizia viver aterrorizado com a mãe. Nunca a tinha conhecido pessoalmente, mas quando falava dela exalava um odor a felicidade e não a medo, portanto sabia que não podia ser a bruxa que ele descrevia.

— O que é que te traz por cá? — perguntei.

— Vim para saber se podias dar uma olhadela ao carro de uma pessoa amiga — respondeu.

— VW?

— *Buick*.

As minhas sobrelhas subiram de surpresa.

— Posso dar uma olhadela, mas não estou preparada para carros americanos: não tenho os computadores. Ele devia levá-lo a algum sítio onde conheçam *Buicks*.

— Ela levou-o a três mecânicos diferentes: substituíram o sensor de oxigénio, as velas de ignição, e sabe-se lá mais o quê. Ainda não está bem. O último tipo disse-lhe que precisava de um motor novo, que ele podia arranjar pelo dobro do valor do carro. Ela não tem muito dinheiro, mas precisa do carro.

— Não lhe vou cobrar nada por dar uma olhadela, e se não puder repará-lo, digo-lhe. — Ocorreu-me um pensamento súbito, despoletado pelo laivo de raiva que distingi na sua voz enquanto falava nos problemas dela. — Estamos a falar da *tua* miúda?

— Ela não é minha miúda — protestou de forma pouco convincente.

Nos últimos três anos vinha estando de olho numa das despachantes da polícia, uma viúva com uma chusma de filhos. Nunca tinha feito nada em relação a isso porque adorava o seu emprego — e o seu emprego, dissera melancolicamente, não era propício a encontros românticos, casamento e filhos.

— Ela que o traga. Se puder deixá-lo aí um dia ou dois, vou ver se o Zee aparece por cá e dá uma vista de olhos. — Zee, o meu antigo patrão, reformara-se na altura em que me tinha vendido o espaço, mas aparecia de vez em quando para «não enferrujar as mãos». Sabia mais de carros e do que os fazia andar do que uma equipa de engenheiros da Detroit².

— Obrigado, Mercy. És impecável. — Espreitou o relógio. — Tenho de ir.

² Detroit Diesel, empresa fabricante de motores a *diesel*. (N. do T.)

Despedi-me dele com um aceno, voltando a concentrar-me na caixa. O carro cooperou, coisa que raramente acontece, pelo que não demorei muito tempo. Na altura em que a minha nova ajuda emergiu, limpa e envergando um velho fato-macaco de Tad, estava a começar a recolocar as restantes peças do carro. Nem mesmo o fato-macaco seria suficientemente quente lá fora, mas na oficina, com o meu aquecedor para espaços amplos, ele não deveria ter qualquer problema.

Era rápido e eficiente — obviamente tinha passado algumas horas debaixo do capô de um carro. Não se pôs para ali espedado a olhar; foi-me passando peças antes de eu as pedir, desempenhando o papel de ajudante de mecânico como se a ele estivesse acostumado. Ou era naturalmente reticente ou aprendera a manter a boca fechada porque trabalhámos juntos durante um par de horas maioritariamente em silêncio. Terminámos o primeiro carro e pusemo-nos a olhar um para o outro até eu me ter decidido a persuadi-lo a falar comigo.

— Sou a Mercedes — disse, desapertando o parafuso de um alternador. — Como é que é que queres que te trate?

Os seus olhos iluminaram-se por momentos.

— Mercedes, a mecânica de VW? — A sua cara fechou-se rapidamente e murmurou: — Desculpe. Aposto que está farta de ouvir isso.

Sorri-lhe rasgadamente e passei-lhe o parafuso que tinha retirado e comecei a desparafusar o seguinte.

— Sim. Mas também trabalho com *Mercedes*. Qualquer carro feito pelos alemães. *Porsche*, *Audi*, *BMW*, e até um ou outro *Opel*. Sobretudo antigos, fora da garantia, embora tenha os computadores para a maior parte dos mais recentes, quando aparecem.

Desviei os olhos dele para ver melhor o teimoso do segundo parafuso.

— Podes tratar-me por Mercedes ou Mercy, como preferires. Como queres que te trate?

Não gosto de encurralar as pessoas num sítio onde se vêem forçadas a mentir. Se era um fugitivo, provavelmente não me diria um nome verdadeiro, mas se ia trabalhar com ele precisava de algo melhor do que «miúdo» ou «ei, tu» para chamá-lo.

— Trate-me por Mac — disse após uma pausa.

A pausa foi um indício de que aquele não era o nome que normalmente utilizava. Por ora serviria.

— Muito bem, Mac — disse. — Importas-te de dar uma ligadela ao dono do *Jetta* a dizer que o carro dele está pronto? — Acenei com a cabeça na direção do primeiro carro que tínhamos reparado. — Vais encontrar uma fatura na impressora. O número dele está na fatura juntamente com o

custo final da mudança da caixa. Depois de substituir esta correia levo-te a almoçar, está incluído na paga.

— OK — replicou, soando um pouco perdido. Dirigiu-se para a porta de acesso ao chuveiro mas detive-o. A lavandaria e o chuveiro eram nas traseiras da oficina, mas o escritório ficava na parte lateral, ao lado do parque de estacionamento que os clientes usavam.

— O escritório fica depois da porta cinzenta — indiquei-lhe. — Ao lado do telefone está um pano que podes usar para segurar no auscultador para que não fique coberto de lubrificante.

Nessa noite fui para casa de carro preocupada com Mac. Tinha-lhe pagado em dinheiro pelo trabalho que fizera e dissera-lhe que o seu regresso seria bem-vindo. Esboçara um sorriso ténue, enfiara o dinheiro no bolso de trás e saíra. Apesar de saber que não tinha onde passar a noite, tinha-o deixado ir, porque não vislumbrara mais nenhuma boa opção.

Tê-lo-ia convidado para ficar em minha casa, mas isso teria sido perigoso para ambos. Por muito reduzido que parecesse o uso que fazia do faro, acabaria por descobrir o que eu era — e os lobisomens, mesmo na forma humana, têm a força que lhes é atribuída nos filmes antigos. Estou em boa forma e tenho o cinturão vermelho do *dojo* que fica mesmo do outro lado da via-férrea em frente à minha oficina, mas não estou à altura de um lobisomem. O rapaz era demasiado novo para ter o tipo de controlo necessário para evitar matar alguém que o animal dentro dele visse como um predador rival no seu território.

E depois havia o meu vizinho.

Vivo em Finley, uma zona rural a cerca de dez minutos da minha oficina, que fica na zona industrial mais antiga de Kennewick. A minha casa é uma caravana com seis metros por vinte e sete que tem quase a minha idade e está situada no meio de uns campos vedados. Em Finley há muitas propriedades de pequena dimensão com caravanas ou casas feitas à mão, mas ao longo da margem do rio há também mansões como aquela em que o meu vizinho vive.

Virei para o meu caminho de entrada através da mastigação ruidosa da gravilha e parei o velho *Rabbit*³ a *diesel* em frente à minha casa. Assim que saí do carro, reparei na transportadora para gatos pousada no meu alpendre.

Medea dirigiu-me um miado queixoso, mas peguei no bilhete fixado no topo da transportadora com fita-cola e li-o antes de a libertar.

³ Modelo do *Volkswagen Golf* comercializado nos Estados Unidos. Literalmente: «Coelho». (N. do T.)

MENINA THOMPSON, dizia em letras maiúsculas e garrafais, *POR FAVOR MANTENHA O SEU FELINO FORA DA MINHA PROPRIEDADE. SE VOLTAR A VÊ-LO, COMO-O.*

O bilhete não estava assinado.

Abri o fecho, peguei na gata e rocei a cara no seu pelo semelhante ao de um coelho.

— O lobisomem velho e malvado enfiou a pobre gatinha na caixa e deixou-a lá? — perguntei.

Ela cheirava ao meu vizinho, o que indicava que Adam passara algum tempo com ela ao colo antes de a ter levado para ali. A maior parte dos gatos não gosta de lobisomens — nem de caminhantes como eu. A Medea gosta de toda a gente, pobre gata, até do rabugento do meu vizinho. E essa é a razão pela qual ia frequentemente parar ao meu alpendre dentro da transportadora.

Adam Hauptman, que partilhava a minha vedação traseira, era o Alfa do bando de lobisomens local. A existência de um bando de lobisomens em Tri-Cidades era um tanto anómala porque os bandos normalmente fixam-se em locais maiores onde se possam esconder melhor, ou, raramente, em locais mais pequenos que possam controlar. Porém os lobisomens têm a tendência para se saírem bem no exército e nas agências governamentais secretas cujos nomes sejam todos acrónimos, e o complexo nuclear nas proximidades de Hanford dispunha do envolvimento de muitas agências de nomes alfabéticos.

Suspeito que a razão por o lobisomem Alfa ter optado por comprar terreno mesmo ao pé de mim, teve tanto que ver com o anseio dos lobisomens de dominar aqueles que vêem como seres menores, como com a soberba vista para a frente do rio.

Ele não gostava do facto de a minha velha caravana fazer descer o valor da sua desordenada construção em adobe — embora, como por vezes o fiz ver, a minha caravana já estivesse ali na altura em que comprou a sua propriedade e construiu nela. Também aproveitava todas as oportunidades para me lembrar de que eu estava ali apenas por tolerância sua: uma vez que uma caminhante não estava verdadeiramente à altura de um lobisomem.

Em resposta a estas queixas, eu inclinava a cabeça, falava-lhe cara a cara de forma respeitosa — normalmente — e levava o velho e decrépito *Rabbit*, que mantinha para peças, até ao meu terreno nas traseiras, onde ficava claramente visível da janela do quarto de Adam.

Era quase certo que ele não comeria a minha gata, mas iria deixá-la dentro de casa durante uma semana ou algo parecido para dar a impressão de que me sentia intimidada pela sua ameaça. O truque com os lobisomens é nunca confrontá-los diretamente.

A Medea miou, ronronou e meneou a cauda amputada quando a pousei e lhe enchi o prato de comida. Tinha vindo ao meu encontro enquanto animal vadio, e durante algum tempo pensei que uma pessoa abusiva lhe tinha cortado a cauda, mas o meu veterinário disse-me que era uma gata de Man e nascera assim. Dei-lhe uma última carícia e depois dirigi-me ao frigorífico para rapinar qualquer coisa para jantar.

— Teria trazido o Mac para casa se achasse que o Adam o deixaria em paz — disse-lhe —, mas os lobisomens não simpatizam lá muito com estranhos. Insistem em toda a espécie de protocolos quando um novo lobo entra no território de outrem, e algo me diz que o Mac não peticionou o bando. Um lobisomem não morre de frio por dormir ao relento, por muito mau que esteja o tempo. Ele vai ficar bem por um bom tempo. Ainda assim — continuei, enquanto tirava uma porção de esparguete que tinha sobrado para aquecer no micro-ondas —, se o Mac estiver em sarilhos, o Adam é capaz de ajudá-lo. — Seria melhor apresentar o sujeito docilmente quando soubesse qual era a história do rapaz.

Comi de pé e passei o prato por água, e em seguida enrosquei-me no sofá e liguei a televisão. A Medea miou e pulou para o meu colo antes do primeiro anúncio publicitário.

Mac não apareceu no dia seguinte. Era um sábado, e talvez ele não soubesse que trabalhava quase todos os sábados se houvesse carros para reparar. Talvez tivesse seguido o seu caminho.

Tinha a esperança de que Adam ou um dos seus lobos não o tivessem encontrado antes de eu ter tido a possibilidade de comunicar a notícia da sua presença de forma mais branda. As regras que permitiam aos lobisomens viver despercebidos no seio dos humanos durante séculos tendiam a comportar consequências fatais para aqueles que as quebrassem.

Trabalhei até ao meio-dia, e depois telefonei ao jovem casal simpático para o informar de que o seu carro era uma causa perdida. Substituir-lhe o motor iria custar-lhes mais do que o valor do carro. Telefonemas para dar más notícias eram a tarefa de que menos gostava. Quando Tad, o meu antigo ajudante, andava por lá, obrigava-o a fazê-los. Desliguei quase tão deprimida quanto os desgraçados dos proprietários do reluzente, embelezado e bem-amado carro agora destinado a uma sucata.

Lavei as mãos e os braços e tirei o máximo de imundície que consegui de debaixo das minhas unhas, lançando-me à infundável papelada que também cabia a Tad tratar. Estava feliz por ele ter conseguido a bolsa de estudos

que lhe permitia ingressar na universidade da Ivy League⁴ que escolhesse, mas sentia mesmo a falta dele. Passados dez minutos, decidi que não havia nada que não pudesse ser deixado para segunda-feira. Com alguma sorte, nessa altura teria uma reparação urgente em mãos, e poderia adiar a papelada para terça-feira.

Vesti umas calças de ganga lavadas e uma t-shirt, peguei no casaco e dirigi-me para o O’Leary’s para almoçar. Depois do almoço, comprei alguns artigos de mercearia sem critério e comprei um peru pequeno para partilhar com a Medea.

A minha mãe ligou-me para o telemóvel no momento em que estava a entrar no carro e, instigando em mim sentimentos de culpa, tentou convencer-me a ir até Portland para o Dia de Ação de Graças ou para o Natal. Safei-me habilmente dos dois convites — durante os dois anos que tinha vivido com ela tivera uma dose de reuniões de família suficiente para uma vida inteira.

Não que sejam más, muito pelo contrário. Curt, o meu padrasto, é uma pessoa afável e pragmática — o homem ideal para servir de contrabalanço à minha mãe. Mais tarde descobri que só soubera da minha existência na altura em que lhe aparecera na soleira, quando tinha dezasseis anos. Ainda assim, abriu-me as portas da sua casa sem nada questionar e tratou-me como se fosse a sua própria filha.

A minha mãe, Margi, é uma pessoa cheia de vivacidade e alegremente amalucada. Não é de todo difícil imaginá-la a envolver-se com um cavaleiro de rodeios (como o meu pai), do mesmo modo que não seria difícil imaginá-la a fugir para ingressar no circo. O facto de ser presidente da Associação de Pais e Professores local é bem mais surpreendente.

Gosto da minha mãe e do meu padrasto. Até gosto de todos os meus meios-irmãos, que tinham saudado com entusiasmo o meu aparecimento súbito nas suas vidas. Todos eles vivem juntos numa daquelas famílias muito unidas que a televisão gosta de fazer de conta que são comuns. Fico muito contente por saber que existem pessoas assim — mas simplesmente não pertencem lá.

Faço duas visitas por ano para que não invadam a minha casa, e certifico-me de que não calha num feriado. A maior parte das minhas visitas é muito curta. Amo-os, mas amo-os melhor à distância.

Na altura em que desliguei, senti-me culpada e triste. Conduzi até casa,

⁴ Grupo de oito universidades privadas nos Estados Unidos. Originalmente, a denominação designava uma liga desportiva disputada entre estas instituições, mas atualmente tem uma conotação associada, sobretudo, à sua excelência académica. Do ponto de vista científico, figuram entre as mais prestigiadas universidades daquele país e do mundo. (*N. do T.*)

pus o peru no frigorífico para descongelar, e dei de comer à gata. Quando constatei que limpar o frigorífico não me estava a ajudar a melhorar a disposição, embora não soubesse ao certo por que esperava que o fizesse, regresssei ao carro e segui até Hanford Reach.

Não vou a Hanford Reach com muita frequência. Há sítios mais próximos onde correr, ou, se me apetecer conduzir, a cordilheira de Blue Mountains não fica muito distante. Mas por vezes a minha alma anseia pelo espaço árido e desolado da reserva — especialmente depois de falar com a minha mãe.

Estacionei o carro e caminhei durante algum tempo até estar razoavelmente convencida de que não havia ninguém por perto. Depois tirei a roupa e coloquei-a numa mochila pequena e metamorfoseei-me.

Os lobisomens podem demorar até quinze minutos a mudar de forma — e a transformação é dolorosa para eles, um facto que deve ser mantido presente. Os lobisomens não são os mais amigáveis dos animais de qualquer maneira, mas se acabaram de se transformar, é boa política deixá-los sozinhos durante algum tempo.

A metamorfose dos caminhanes — pelo menos a minha metamorfose, porque não conheço mais nenhum caminhanes — é rápida e indolor. Num momento sou uma pessoa e logo a seguir um coiote: pura magia. Simplesmente passo de uma forma para a outra.

Esfreguei o focinho contra a minha pata dianteira para pôr fim ao último prurido da transformação. É sempre necessário um momento até nos adaptarmos a andar sobre quatro patas em vez de duas pernas. Sei, porque fui ler sobre isso, que os coiotes têm uma visão diferente dos humanos, mas a minha é basicamente a mesma em qualquer uma das formas. A minha audição melhora um bocado e o mesmo acontece com o meu olfato, embora mesmo na forma humana tenha os sentidos mais apurados do que a maioria das pessoas.

Peguei na mochila pequena, agora cheia com a minha roupa, e deixei-a debaixo de um aglomerado de arbustos raquíticos. Depois libertei-me da transitoriedade da minha existência humana e corri para o deserto.

Depois de ter caçado três coelhos e importunado um casal num barco com um vislumbre em grande plano do meu eu belo e vestido de peles na margem do rio, senti-me muito melhor. Não tenho de me transformar com a Lua, mas se passar muito tempo sobre duas pernas fico inquieta e mal-humorada.

Alegremente cansada, na forma humana, e acabada de me vestir, entrei no meu carro e rezei a minha habitual oração enquanto dava à chave. Desta vez o motor a *diesel* ficou preso e produziu um ruído surdo. A cada novo dia nunca sei se o *Rabbit* irá funcionar. Ando nele porque é barato,

não porque é um bom carro. Há muito de verdadeiro no adágio que diz que todos os carros que recebem nomes de animais são defeituosos.

No domingo fui à igreja. A minha igreja é tão pequena que partilha o seu pastor com outras três igrejas. Trata-se de uma daquelas igrejas sem denominação, tão atarefada em não condenar ninguém que pouco poder tem para atrair uma congregação consistente. As presenças habituais são relativamente escassas, e basicamente não nos metemos nas vidas uns dos outros. Estando numa posição privilegiada para compreender como seria o mundo sem Deus e as suas igrejas para manter o pior dos males à distância, sou uma fiel frequentadora.

Não é por causa dos lobisomens. Os lobisomens podem ser perigosos se nos atravessarmos no seu caminho; mas deixam-nos em paz se formos cuidadosos. Não são mais malévolos do que um urso-pardo ou o grande tubarão branco.

Há outras coisas, porém, coisas que se escondem no escuro, que são muito, muito piores — e os lobisomens são apenas a ponta do icebergue. São muito bons a esconder as suas naturezas da população humana, mas eu não sou humana. Reconheço-os quando deparo com eles, e eles também me reconhecem; portanto vou à igreja todas as semanas.

Naquele domingo, o nosso pastor estava doente e o homem que o substituiu escolheu dar um sermão baseado na passagem bíblica em Êxodo 22: «A feiticeira não deixará viver». Expandiu o significado para abranger os seres feéricos, e nele sobreveio um miasma de medo e raiva que consegui sentir desde o meu assento. Eram as pessoas como ele que mantinham o resto da comunidade preternatural escondida quase duas décadas após os seres feéricos menores terem sido forçadas à exposição pública.

Há cerca de trinta anos, os Senhores Cinzentos, os poderosos magos que governavam os seres feéricos, começaram a mostrar preocupação em relação aos avanços na ciência — particularmente na ciência forense. Prognoticaram que a Era da Ocultação estava a chegar a um fim. Decidiram controlar os danos e garantir que a consciencialização da magia do mundo por parte dos humanos fosse tão suave quanto possível. Esperaram pela circunstância apropriada.

Quando Harlan Kincaid, o bilionário magnata do ramo imobiliário já com certa idade, foi encontrado morto perto das suas rosas com uma tesoura de poda no pescoço, as suspeitas recaíram sobre o seu jardineiro, Kieran McBride, um homem pouco falador e de rosto agradável que trabalhara para Kincaid, ele próprio um jardineiro premiado, durante uma série de anos.

Vi partes do julgamento, tal como a maior parte dos americanos. O sensacional assassinato de um dos homens mais ricos do país, que por acaso era casado com uma adorada jovem atriz, garantia os mais elevados índices de audiência às estações de televisão.

Durante várias semanas, o assassinato ocupou os canais noticiosos. O mundo pôde ver Carin Kincaid, com lágrimas a escorrer-lhe pelas bochechas bronzeadas pelo Sol da Califórnia, a descrever a sua reação quando descobriu o marido morto deitado ao lado da sua roseira favorita — que fora desfeita em pedaços. O seu depoimento foi digno de um Óscar, porém foi empurrada para segundo plano pelo que aconteceu a seguir.

Kieran McBride foi defendido por uma dispendiosa equipa de advogados que, por via da imensa cobertura mediática, tinha concordado em trabalhar *pro bono*. Chamaram Kieran McBride a depor e induziram habilmente o advogado de acusação a pedir a McBride que segurasse a tesoura de poda na mão.

Tentou. Todavia, passado apenas um instante, as mãos começaram-lhe a deitar fumo e ele deixou-a cair. A pedido do seu advogado, mostrou as palmas empoladas ao júri. Não podia ter sido ele o assassino, disse o advogado ao juiz, ao júri, e ao resto do mundo, porque Kieran McBride era um elfo, um *sprite*⁵ de jardim, e não podia segurar ferro frio, nem mesmo através de grossas luvas de pele.

Num momento dramático, McBride abandonou o seu encantamento, o feitiço que lhe dava a aparência de um humano. Não era bonito, bem pelo contrário, mas qualquer pessoa que tenha visto um cachorrinho Shar-Pei sabe que existe grande carisma num certo tipo de fealdade. Uma das razões pelas quais McBride fora escolhido pelos Senhores Cinzentos prendia-se com o facto de os *sprites* de jardim serem gente amável e fácil de observar. Os seus pesarosos e excessivamente grandes olhos castanhos fizeram as capas das revistas durante semanas ao lado de fotografias não muito abonatórias da mulher de Kincaid, que mais tarde foi condenada pela morte do seu marido.

E portanto os seres feéricos menores, os fracos e atrativos, revelaram-se sob o comando dos Senhores Cinzentos. Os grandes e terríveis, os poderosos ou poderosamente feios, mantiveram-se escondidos, aguardando a reação do mundo aos mais agradáveis de entre eles. Aqui, disseram os *spin doctors*⁶ dos Senhores Cinzentos que tinham sido os advogados de

⁵ Do Latim «spiritus». Termo abrangente que se refere a uma série de criaturas preternaturais, incluindo fadas e elfos. (*N. do T.*)

⁶ Especialistas em relações públicas e comunicação política. (*N. do T.*)

McBride, aqui está uma gente escondida: a afável *browny*⁷ que ensinou no jardim-de-infância porque adorava crianças; o rapaz, um *selkie*⁸, que arriscou a sua vida para salvar as vítimas de um acidente num passeio de barco.

A princípio, parecia que a estratégia dos Senhores Cinzentos traria benefícios para todos nós, seres preternaturais, feéricos ou não. Havia restaurantes em Nova Iorque e Los Angeles onde os ricos e famosos podiam ser servidos por *sprites* e *muryans*⁹. Os maiores de Hollywood fizeram uma nova versão de *Peter Pan* utilizando um rapaz que conseguia de facto voar e usaram um duende verdadeiro para fazer de Sininho — o filme que daí resultou bateu recordes de bilheteira.

Mas mesmo no princípio houve problemas. Um tele-evangelista famoso tirou proveito do medo existente em relação aos seres feéricos para consolidar o controlo sobre o seu rebanho e as suas contas bancárias. Os legisladores conservadores começaram a fazer barulho a propósito de uma política de registo. As agências governamentais começaram silenciosamente a fazer listas de seres feéricos que achavam que podiam usar — ou que poderiam ser usados contra elas, porque por toda a Europa e nalgumas partes da Ásia os seres feéricos menores foram forçados a sair da obscuridade pelos Senhores Cinzentos.

Quando os Senhores Cinzentos, cinco ou seis anos antes, tinham dito a Zee, o meu antigo patrão, que ele tinha de ir a público, Zee vendeu-me a oficina e, antes disso, retirou-se durante alguns meses. Ele encarara o que tinha acontecido a alguns dos seres feéricos que tentaram prosseguir com as suas vidas como se nada tivesse acontecido.

Não havia problema em uma criatura feérica ser artista ou atração turística, mas a *brownie* professora do jardim-de-infância foi silenciosamente mandada para a reforma. Ninguém queria ter um ser feérico como professor, mecânico, ou vizinho.

Os seres feéricos que viviam nos subúrbios de luxo viram as suas janelas partidas e grafitis grosseiros pintados nas suas casas. Aqueles que viviam em lugares onde a lei era menos respeitada foram assaltados e espancados. Não se podiam defender com medo dos Senhores Cinzentos. O que quer que os humanos lhes fizessem, os Senhores Cinzentos far-lhes-iam pior.

A vaga de violência levou à criação de quatro grandes reservas para se-

⁷ Duende do folclore inglês e escocês, que habita casas de família onde executa labores domésticos enquanto os seus habitantes dormem. (*N. do T.*)

⁸ Criatura mitológica do folclore escocês, irlandês, islandês e das Ilhas Faroe. Adota a forma de foca, mas ao chegar à costa retira a sua capa de pele e torna-se humana. (*N. do T.*)

⁹ «Formiga» no dialeto da Cornualha. Criatura que diminui gradualmente de tamanho até ficar com a dimensão de uma formiga, após o que desaparece sem que ninguém saiba ao certo no que se transforma. (*N. do T.*)

res feéricos. Zee disse-me que havia criaturas feéricas no governo que viam as reservas como forma de controlo dos danos e usaram de todos os meios para convencer o resto do Congresso.

Se um ser feérico aceitasse viver numa reserva, era-lhe dada uma pequena casa e um estipêndio mensal. Aos seus filhos (como Tad, filho de Zee) eram dadas bolsas de estudo para boas universidades onde se podiam vir a tornar membros úteis para a sociedade... se conseguissem arranjar empregos.

As reservas suscitaram uma grande controvérsia de ambos os lados. Pessoalmente, penso que os Senhores Cinzentos e o governo poderiam ter prestado mais atenção aos inúmeros problemas das reservas dos ameríndios — mas Zee estava convencido de que as reservas eram apenas um primeiro passo nos planos dos Senhores Cinzentos. Deles sabia apenas o suficiente para admitir que talvez tivesse razão — mas a preocupação ainda assim manteve-se. Por muitos males que tivesse originado, o sistema de reservas tinha diminuído os problemas crescentes entre os seres humanos e feéricos, pelo menos nos Estados Unidos.

No entanto, pessoas como o pastor substituto eram a prova de que o preconceito e o ódio estavam vivos e de boa saúde. Alguém atrás de mim murmurou a esperança de que o Pastor Julio recuperasse até à semana seguinte, e uma série de resmoneios de concordância animou-me um pouco.

Ouvi falar de pessoas que viram anjos ou sentiram a sua presença. Não sei se o que sinto é Deus ou um dos seus anjos, mas existe uma presença acolhedora na maior parte das igrejas. Enquanto o pastor prosseguia com o seu discurso alicerçado no medo, conseguia sentir a tristeza crescente desse espírito.

O pastor apertou-me a mão quando saí do edifício.

Não sou um ser feérico, por muito abrangente que seja essa designação. A minha magia vem da América do Norte e não da Europa, e não tenho nenhum encantamento (ou necessidade dele) que me permita misturar-me com a população humana. Ainda assim, aquele homem ter-me-ia odiado se soubesse o que eu era.

Sorri-lhe, agradei-lhe a cerimónia e desejei-lhe felicidades. Ama os teus inimigos, dizem as escrituras. A minha mãe adotiva acrescentava sempre: «No mínimo, sê amável com eles».

Quando cheguei de carro à oficina na segunda-feira de manhã, Mac, o lobisomem, estava sentado no degrau em frente à porta do escritório.

Mantive uma expressão impassível e ocultei por completo a satisfação surpreendentemente intensa que senti. Limitei-me a passar-lhe para a mão um saco pesado com sandes de *fast food* para o pequeno-almoço de modo a conseguir tirar a chave e abrir a porta. Fora criada com animais selvagens à minha volta; sabia como domá-los. A ajuizá-lo corretamente, uma recepção calorosa iria afugentá-lo mais depressa do que palavras duras, mas a comida era sempre um bom chamariz.

— Come — disse-lhe enquanto me encaminhava para a casa de banho para vestir a roupa de trabalho. — Deixa uma para mim, o resto é para ti.

Quando regresssei, tinham desaparecido todas menos uma.

— Obrigado — disse-me, observando os meus pés.

— Hás de ganhar dinheiro para ter umas iguais. Anda, ajuda-me a levantar as portas da oficina. — Segui à sua frente através do escritório até à oficina. — Hoje não há nada pendente, portanto podemos trabalhar no meu projeto Carocha.

Na altura, o Carocha não era particularmente apelativo, mas quando terminasse estaria pintado, polido e a funcionar às mil maravilhas. Depois iria vendê-lo pelo dobro do preço que me tinha custado e arranjaria outro carro para ressuscitar. Quase metade do que ganhava provinha do restauro de clássicos velhos da VW.

Depois de termos trabalhado algumas horas em silêncio amigável, pediu-me para usar o telefone para fazer uma chamada de longa distância.

— Desde que não seja para a China — disse, debatendo-me com um parafuso preso por trinta e tal anos de ferrugem.

Não me aproximei sorratamente da porta do escritório para me pôr à escuta. Não tenho por hábito esconder-me para ouvir conversas privadas. Não preciso. Tenho uma audição muito boa.

— Olá — disse ele. — Sou eu.

A minha audição não é, todavia, tão boa ao ponto de ter conseguido ouvir a pessoa com quem estava a falar.

— Estou ótimo. Estou ótimo — pronunciou rapidamente. — Olha, não posso falar muito. — Pausa. — É melhor que não saibas. — Pausa. — Eu sei. Vi uma reportagem. Não me lembro de nada desde que saímos do baile. Não sei o que é que a matou ou por que é que não me matou a mim.

Oh, não, pensei.

— Não. Olha, por agora é melhor não saberes onde eu estou. — Pausa. — Já te disse que não sei o que se passou. Só sei que não a matei. — Pausa. — Não sei. Só quero que digas à mãe e ao pai que eu estou bem. Gosto muito deles... e ando à procura dos que a mataram. Agora tenho de ir. — Pausa. — Eu também gosto muito de ti, Joe.

Uma dúzia de histórias podia explicar a metade da conversa que ouvi. Duas dúzias.

Mas as histórias exemplares que os lobisomens partilham com mais frequência dizem respeito ao que acontece da primeira vez que um lobisomem se transforma sem que tenha conhecimento do que é.

Na minha cabeça, traduzi a metade da conversa respeitante a Mac numa imagem de um rapaz a sair de um baile de liceu para curtir com a namorada debaixo da Lua cheia, sem saber o que era. Os lobisomens novatos, a menos que estejam sob a orientação de um lobisomem dominante, têm pouco controlo sobre a sua forma lupina nas primeiras vezes que se transformam.

Se Mac fosse um lobisomem novato, isso explicaria o facto de não ter reparado que eu era diferente dos humanos à nossa volta. É preciso ser-se ensinado a utilizar os sentidos.

Aqui nos Estados Unidos, a maior parte dos lobisomens é trazida por amigos ou familiares. Existe uma estrutura de apoio para instruir o lobo novato, para mantê-lo a ele e a todos aqueles que estão à sua volta em segurança — mas ainda continuam a ocorrer ataques ocasionais por parte de lobisomens marginais. Um dos deveres do bando consiste em matar esses marginais e encontrar as suas vítimas.

Apesar das histórias, não é verdade que qualquer pessoa que seja mordida por um lobisomem se transforme noutra lobisomem. É necessário um

ataque tão violento que deixe a vítima às portas da morte para que a magia do lobisomem penetre no sistema imunitário do corpo. Ataques como este fazem manchetes de jornal do gênero «Homem Atacado por Cães Rai-vosos». Normalmente, a vítima morre em resultado dos ferimentos ou da Transformação. Se sobreviver, recupera depressa, miraculosamente — até à Lua cheia seguinte, altura em que fica a saber que na verdade não sobreviveu. Não como a pessoa que em tempos fora. Por norma, um bando irá encontrá-la antes da sua primeira transformação e ajudá-la-á a adaptar-se ao seu novo modo de vida. Os bandos vêem os noticiários e lêem os jornais para impedir que um lobo novato fique sozinho — e para proteger os seus segredos.

Talvez ninguém tivesse encontrado Mac. Talvez ele tivesse matado a sua acompanhante e quando recuperou a forma humana se tenha recusado a acreditar no que fizera. No que era. Vinha agindo com base na impressão de que ele tinha abandonado o seu bando, mas se era um lobo novato, um lobo não instruído, isso fazia dele ainda mais perigoso.

Parti o parafuso desgastado pela ferrugem porque não estava a prestar atenção. Quando Mac regressou do seu telefonema, estava a trabalhar na remoção do que dele restava com um extrator rápido de parafusos, a ferramenta com o nome mais equívoco do mundo — não há nada de rápido na tarefa de extrair um parafuso partido.

Não tinha planeado dizer-lhe nada, mas de qualquer forma as palavras saíram-me.

— Talvez conheça algumas pessoas que te possam ajudar.

— Ninguém me pode ajudar — replicou fatigadamente. Depois sorriu, o que teria sido mais convincente se os seus olhos não estivessem tão tristes. — Eu estou bem.

Pousei o extrator e olhei para ele.

— Sim, acho que vais ficar — disse, esperando não estar a cometer um erro ao não pressioná-lo. Teria de falar dele a Adam antes da Lua cheia seguinte. — Lembra-te apenas de uma coisa, sou conhecida por acreditar em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço.

A sua boca torceu-se de forma peculiar.

— Lewis Carroll.

— E dizem que a juventude de hoje não é instruída — repliquei. — Se confiares em mim, talvez descubras que os meus amigos te podem ajudar mais do que julgavas possível. — O telefone tocou, e voltei a concentrar-me no meu trabalho. — Mac, vai atender o telefone, por favor — disse-lhe.

Naquela altura tão adiantada do ano, às seis, quando terminámos o trabalho, já era noite. Estacou e pôs-se a olhar para mim enquanto eu travava a porta, obviamente com alguma coisa a ocupar-lhe o pensamento.

Atrapalhei-me deliberadamente com a chave na fechadura para lhe dar mais tempo, mas não tirou proveito disso.

— Vemo-nos amanhã — disse ele em vez de falar.

— Está bem. — Depois, impulsivamente, perguntei: — Tens onde dormir esta noite?

— Claro — respondeu com um sorriso, e seguiu caminho como se tivesse de estar nalgum sítio.

Estava capaz de arrancar a minha própria língua à dentada por tê-lo forçado a dizer-me uma mentira. Depois de me ter começado a mentir, seria mais difícil fazer com que me confiasse a verdade. Não sei por que é que é assim, mas a verdade é que é — pelo menos de acordo com a minha experiência.

Martirizei-me durante todo o trajeto de regresso a casa, mas depois de ter dado de comer à Medea e ter feito o jantar para mim, ocorreu-me uma forma de lidar com a situação. No dia seguinte levaria um cobertor para ele e destrancaria a porta da traquitana VW de Stefan, que estava pacientemente à espera de peças para os travões provenientes do Oregon. Não me parecia que Stefan se iria importar que Mac acampasse uma noite ou duas.

Telefonei a Stefan para me certificar, porque é pouco sensato surpreender vampiros.

— Claro — disse ele, sem sequer perguntar quem era a pessoa que eu queria que ele deixasse dormir na carrinha. — Por mim tudo bem, querida. Daqui a quanto tempo é que a minha traquitana volta a estar em condições para andar na estrada?

Para um vampiro, Stefan era porreiro.

— Estou a contar que as peças cheguem depois de amanhã — respondi-lhe. — Dou-te uma ligadela quando estiverem cá. Se quiseres ajudar, conseguimos pô-la pronta em dois fins de tarde esticados. De outra forma, vai-me levar um dia.

— Tá bem — replicou, o que aparentemente era uma despedida porque o que ouvi a seguir foi um tom de chamada.

— Bem — disse à gata —, parece que vou sair para comprar um cobertor. — Tinha de ser um cobertor novo: os meus cheirariam todos a coiote, e um lobisomem que mal me conhecia não se sentiria confortável rodeado pelo meu odor.

Passei vários minutos à procura da minha bolsa até me dar conta de que a tinha deixado no trabalho, fechada no cofre. Felizmente, a minha oficina ficava a caminho da loja.

Como era noite, estacionei o carro na rua atrás da oficina, onde havia um poste de iluminação para desencorajar possíveis vândalos. Atravessei o

parque de estacionamento a pé e passei pela carrinha de Stefan, estacionada ao pé da porta do escritório, e dei-lhe uma palmadinha afetuosa.

A traquitana de Stefan estava pintada da mesma maneira que a Máquina Mistério, o que dizia muito acerca do vampiro a quem pertencia. Stefan contou-me que uns anos antes, quando começou a ver a Buffy, chegou a considerar pintá-la de preto mas, no final, decidira que a caçadora de vampiros não estava à altura do Scooby Doo.

Abri a porta do escritório, mas não me dei ao trabalho de acender as luzes porque vejo muito bem no escuro. A minha bolsa estava onde me lembrava de a ter deixado. Tirei-a e voltei a fechar o cofre. Por uma questão de hábito, tornei a verificar se o aquecimento estava ajustado no mínimo. Fora tudo desligado e guardado. Tudo estava conforme deveria estar, e senti a habitual satisfação de saber que era meu — bom, meu e do banco.

Estava a sorrir quando saí do escritório e voltei-me para trancar a porta atrás de mim. Não estava a mexer-me silenciosamente de propósito, mas ter sido criada por um bando de lobisomens fez com que aprendesse a ser mais silenciosa do que a maior parte das pessoas.

— Vai-te embora. — A voz de Mac veio do outro lado da carrinha de Stefan. Falou num tom baixo e resmungador que nunca lhe tinha escutado.

Pensei que estava a falar comigo e caminhei em direção ao som, mas não vi mais nada para além da carrinha de Stefan.

Depois, uma outra pessoa respondeu a Mac.

— Não sem ti.

A carrinha tinha vidros fumados. Consegui ver suficientemente bem através deles para constatar que a porta lateral estava aberta, emoldurando as vagas formas sombrias de Mac e um dos seus visitantes. O segundo não conseguia ver. O vento estava de feição, soprando suavemente através deles na minha direção, e farejei mais *duas* pessoas para além de Mac: um outro lobisomem e um humano. Não reconheci nenhum deles.

Embora conhecesse a maior parte dos lobos de Adam pelo cheiro, não seria de estranhar se ele tivesse arranjado um lobo novato sem que eu tivesse ouvido falar no assunto. Mas foi o humano quem me indicou que alguma coisa se estava a passar: ao que eu sabia, Adam nunca mandava um humano acompanhar um dos seus lobos em trabalho.

Mais estranho ainda foi o facto de ninguém ter dado qualquer indício de saber que eu estava por perto. Fui silenciosa, mas ainda assim era de esperar que os dois lobisomens me tivessem ouvido. Mas nem Mac nem o outro lobo pareciam ter notado.

— Não — disse Mac enquanto eu hesitava. — Acabaram-se as jaulas. Acabaram-se as drogas. Não estavam a servir de nada.

Jaulas?, pensei. *Alguém vinha mantendo Mac numa jaula?* Não havia

necessidade disso, não com Adam por perto. Embora alguns Alfas tivessem de depender de grades para controlar lobos novatos, Adam não era um deles. Tão-pouco os comentários de Mac sobre drogas faziam sentido: nenhuma droga faz efeito nos lobisomens.

— Estavam, puto. Só precisas de ter alguma paciência. Prometo que conseguimos desfazer a tua maldição.

Desfazer a tua maldição? Não havia nenhuma droga no mundo que desfizesse a Transformação, e eram muito poucos os lobisomens que, passados os primeiros meses, consideravam o seu estado uma maldição. A maior parte deles acabava por sentir que o facto de se ficar irritadiço e ocasionalmente peludo era um preço reduzido a pagar pela extraordinária força, agilidade e precisão dos sentidos — já para não falar do benefício lateral de um corpo imune à doença e ao envelhecimento.

Mesmo que o lobisomem pertencesse a Adam, duvidei que ele tivesse conhecimento de que um dos do seu bando andava a contar histórias disparatadas. Pelo menos *esperava* que não tivesse conhecimento.

Todavia, Mac parecia conhecer aqueles dois, e eu começava a achar que a sua história era mais complicada do que eu pensava.

— Falas como se tivesses opção — dizia o terceiro homem. — Mas a única opção que tens é como chegar até ali.

Aqueles não eram os homens de Adam, concluí. A menção a maldições, jaulas e drogas fazia deles o inimigo. Se Mac não queria ir com eles, não iria deixar que o levassem.

Lancei um olhar de soslaio em redor, mas as ruas estavam desertas. Depois das seis, a zona industrial fica basicamente morta. Despi as minhas roupas o mais silenciosamente possível e transformei-me em coiote.

Como humana, não tinha a menor hipótese contra um lobisomem. Como coiote, continuava a não me equiparar — mas era rápida, muito mais rápida do que um coiote comum e um tudo-nada mais rápida do que um lobisomem.

Saltei para a vedação e daí para o topo da carrinha de Stefan de modo a tirar proveito da posição mais elevada, embora estivesse a abdicar do efeito surpresa. Por muito sub-repticiamente que me movesse, um lobisomem ouviria o estalido das minhas unhas no tejadilho metálico.

Preparei-me para o lançamento, mas detive-me. Desde o topo da carrinha conseguia ver Mac e os dois homens. Mac estava de costas para mim, mas aos outros bastava olharem para cima. Não o fizeram. Algo não batia certo.

Atrás dos dois estranhos estava um enorme SUV preto, o tipo de carro que se espera que os tipos ruins conduzam.

— Não acredito que exista alguma maneira de desfazer o que me fize-

ram — dizia Mac. — Não me podem devolver a minha vida ou devolver à Meg a vida dela. Tudo o que podem fazer é deixar-me em paz.

O humano tinha o cabelo cortado à escovinha, mas o que me fez pensar no exército em primeiro lugar foi a grande arma preta que via a espreitar do coldre que tinha ao ombro. Ambos os estranhos estavam postados como militares — Adam também adotava essa postura. Os ombros deles estavam ligeiramente rígidos, as costas demasiado direitas. Talvez pertencessem, de facto, a Adam. O pensamento fez-me hesitar. Se magoasse um dos lobos de Adam, teria de lidar com as terríveis consequências.

— A Lua está a chegar — disse o homem de cabelo comprido, o lobisomem. — Consegues sentir?

— Como é que tencionas sobreviver ao inverno, puto? — Era o tipo do cabelo curto novamente. A sua voz era amigável. Paternal. Protetora, até. — Faz frio em dezembro, mesmo neste deserto.

Reprimi um grunhido enquanto tentava determinar a melhor forma de ajudar Mac.

— Eu estou a trabalhar aqui — disse Mac, gesticulando na direção da oficina. — Se ficar mais frio, acho que ela me deixa dormir na oficina até arranjar um sítio para viver, se eu lhe pedir.

— Pedir? — O de cabelo curto exibiu um ar solidário. — Ela manteve-te aqui por nossa causa. É uma dos nossos, puto. Como é que achas que demos contigo?

Mac exalou um odor a choque, num primeiro momento, e depois a derrota. As emoções têm um cheiro, mas só quando estou transformada em coite é que o meu olfato é apurado ao ponto de distinguir para além das sensações mais intensas. Os dentes assomaram-me por entre os lábios — não gosto de mentirosos, sobretudo quando estão a mentir em relação a mim.

A voz do lobisomem era etérea.

— Quando a Lua chegar, não podes impedir a transformação. — Balançava para a frente e para trás. — Nessa altura, poderás correr e beber o medo da tua presa antes que ela morra entre os teus colmilhos.

Lunático, pensei, surpreendida com a intensidade da minha ira. Se aquele lobo era tão inexperiente ao ponto de ser lunático, certamente não era de Adam, e quem quer que o tivesse enviado era um idiota.

— Não vou — disse Mac, dando um passo às arrecuas. Deu um novo passo, encostando as costas à carrinha. Retesou-se, inspirou fundo, e olhou em volta. — Mercy?

Mas nenhum dos homens prestou atenção quando Mac detetou o meu odor. O lobisomem ainda estava preso aos seus devaneios lunáticos, e o humano estava a sacar da arma.

— Tentámos fazer isto a bem — disse ele, e consegui cheirar-lhe o prazer. Podia ter optado por fazer as coisas a bem em primeiro lugar, mas a verdade é que gostava muito mais de fazê-las a mal. A sua arma era do tipo que se encontra nos catálogos do exército para aspirantes a mercenários, onde aquilo que aparenta é pelo menos tão importante quanto aquilo que é. — Entra no carro, puto. Tenho balas de prata. Se te der um tiro, morres. — Falava como um rufião de um filme de gangsters dos anos cinquenta; perguntei-me se seria deliberado.

— Se entrar no carro, morro na mesma, não é verdade? — replicou Mac vagarosamente. — Vocês mataram os outros dois que estavam nas jaulas ao meu lado? É por isso que desapareceram?

Nenhum deles se apercebera de que o lobisomem se começava a transformar, nem mesmo o próprio lobisomem. Conseguia ver os seus olhos a brilhar intensamente na escuridão e cheirar o almíscar do lobo e da magia. Rosnou.

— Silêncio — disparou o humano, olhando-o em seguida. Imobilizou-se, engoliu em seco e, com toda a calma, apontou a arma na direção do seu antigo parceiro.

Enquanto humano, o lobisomem provavelmente pesaria cerca de noventa quilos. Os lobisomens, quando completamente transformados, pesam para cima de cento e quinze. Não, não sei de onde vem o peso extra. É magia, não ciência. Sou um pouco avantajada para o coiote comum — mas isso significava que o lobisomem ainda assim era cinco vezes mais pesado do que eu.

Vinha tentando descortinar uma forma de utilizar a minha velocidade como uma vantagem, mas quando o lobisomem, com as suas mandíbulas a esticarem-se em redor de afiadas presas brancas, se fixou em Mac e voltou a rosnar, soube que o meu tempo se tinha esgotado.

Lancei-me do topo do carro para cima do lobisomem, que ainda estava lento porque em plena transformação. Tentei abocanhá-lo para chamar a sua atenção e apanhei-lhe a garganta, ainda sem o denso tufo de pelos destinado a proteger de ataques daquela natureza.

Senti os meus colmilhos a penetrar-lhe a carne, e do seu pescoço jorrou sangue, bombeado pelo coração e pelo aumento da pressão sanguínea que acompanha a transformação. Não era um ferimento mortal — os lobisomens curam-se de forma demasiado rápida — mas seria o suficiente para abrandá-lo, dando-me um avanço enquanto curava o ferimento.

Só que ele não parou.

Seguiu no meu encalço quando contornei a carrinha de Stefan a toda a velocidade, meti pelo beco por onde entravam os carros para a minha oficina e pulei sobre a cerca de rede que rodeava o complexo de armazéns

da *Save U More*. Se estivesse totalmente transformado em lobo, teria ultrapassado a cerca com maior facilidade do que eu, mas era atrapalhado pela sua forma estranha e teve de parar e rasgar a cerca em lugar de saltá-la.

Incitado por uma fúria de caça, era mais rápido do que eu, mesmo sobre duas pernas. Não deveria ser assim. Já deixei para trás uma série de lobisomens, e sabia que era mais rápida do que eles; mas ninguém lhe tinha dito isso. Estava a acercar-se de mim. Voltei a pular a cerca porque da primeira vez vira-se forçado a abrandar.

Se houvesse habitações por perto, os uivos impacientes e frustrados do lobisomem, resultantes de se ver novamente forçado a parar e dilacerar a vedação de rede, fariam com que a polícia se pusesse a caminho, mas as residências mais próximas estavam a quarteirões de distância. Esse pensamento lembrou-me de que precisava de me preocupar com os espectadores inocentes para além de Mac e de mim.

Inverti a direção, correndo ao longo da rua de regresso à oficina, com o intuito de conduzir o lobisomem para longe da cidade e não para dentro dela. Mas antes de ter alcançado a oficina, o meu perseguidor tropeçou e caiu na estrada.

A princípio pensei que a transformação se tinha dado por completo, mas nenhum lobisomem se levantou sobre as quatro patas para continuar a perseguição. Abrandei, e em seguida parei onde estava e pus-me à escuta, mas não conseguia ouvir outra coisa para além do meu coração disparado de medo.

A transformação estava quase concluída, a sua cara assumira inteiramente as feições de lobo embora a pelagem ainda não tivesse começado a cobri-lo. As suas mãos, languidamente pousadas no asfalto, estavam deformadas, demasiado finas, com uma distância inumana entre os dedos e o polegar. As unhas tinham engrossado e começado a ficar aguçadas. Porém não se mexia.

A tremer com vontade de fugir, forcei-me a aproximar-me dele. Esperei que saltasse e me agarrasse como sempre fazem nos filmes que passam de madrugada, mas permaneceu imóvel, cheirando a sangue e adrenalina.

Um rasto de líquido foi crescendo atrás de si, como se fosse um carro cuja mangueira do radiador tivesse estourado e espalhado anticongelante por toda a estrada — todavia o líquido que reluzia debaixo do poste de iluminação pública era sangue.

Só então me ocorreu que não lhe ouvia o latejar do coração e o murmúrio da respiração.

Ouvi o arranque do motor de um carro e desviei os olhos do lobisomem a tempo de ver o SUV preto sair do parque de estacionamento com

as rodas a chiar, guinando em direção a mim. O enorme carro oscilava enquanto o condutor tentava adequar a velocidade à guinada. Os seus faróis cegaram-me momentaneamente — mas já tinha definido a minha rota de fuga e segui-a às cegas.

Abrandonou um pouco, como se a considerar parar ao pé do corpo na rua, mas depois o motor V-8 rugiu e o SUV voltou a acelerar.

Evitou por um triz o embate contra o poste de iluminação para trás do qual me tinha esquivado. Não sabia se Mac estava no carro ou não. Acompanhei as luzes traseiras do SUV até este meter para a auto-estrada e se misturar com o trânsito.

Caminhei em direção ao lobisomem apenas para ter a certeza — e não havia dúvidas de que estava morto, e bem morto.

Nunca tinha matado ninguém antes. Ele não devia estar morto. Os lobisomens são difíceis de matar. Se se tivesse dado ao trabalho de estancar o sangue da ferida, ou se não me tivesse perseguido, o ferimento teria sarado antes de ele ter morrido por perda de sangue.

O sabor do seu sangue na minha boca fez com que me sentisse mal, e vomitei ao lado do corpo até que o sabor a bÍlis se sobrepujasse a tudo o resto. Depois deixei-o jazido no meio da estrada e corri até à oficina. Precisava de ver se Mac estava por ali antes de abraçar a tarefa de tratar do lobisomem morto.

Para meu alívio, quando cheguei ao parque de estacionamento aos rressaltos, Mac estava encostado à carrinha de Stefan. Segurava sem firmeza uma arma numa das mãos, com o cano dobrado.

— Mercy? — perguntou-me quando me aproximei, como se estivesse à espera que eu falasse.

Inclinei a cabeça uma vez e depois precipitei-me para a entrada frontal da oficina, onde tinha deixado a minha roupa. Ele seguiu-me. Mas regresssei à minha forma humana, e, ao ver que estava nua, virou-se de costas para que eu me vestisse.

Enfiei-me rapidamente nas peças — estava frio no exterior.

— Estou apresentável — disse-lhe, e ele voltou a encarar-me.

— Tem sangue no queixo — indicou numa voz débil.

Limpei-o com a bainha da t-shirt. Não ia às compras naquela noite, portanto não fazia diferença se tinha sangue na minha roupa. *Não vomites outra vez*, disse a mim mesma de forma severa. *Faz de conta de foi um coelho*. Não tinha sabido a coelho.

— Você é o quê? — perguntou. — Um deles? Onde é que está... está o lobo?

— Está morto. Precisamos de falar. — disse-lhe, calando-me em seguida para organizar os meus pensamentos dispersos. — Mas primeiro te-

mos de tirar o lobisomem morto da rua. E antes disso, acho que devíamos telefonar ao Adam.

Segui para o escritório com ele atrás de mim — daquela vez ligando a luz. Não que qualquer um de nós precisasse dela para outra coisa que não o conforto.

Colocou a sua mão por cima da minha quando esticava o braço na direção do telefone.

— Quem é o Adam, e por que é que lhe vai telefonar? — inquiriu.

Não contrariei a força da sua mão.

— O Alfa local. Precisamos de tirar o corpo da estrada, a menos que queiras que vamos os dois parar a um laboratório federal qualquer para que um bando de cientistas nos use por uns anos até concluir que pode aprender mais sobre nós mortos do que vivos.

— Alfa? — perguntou. — O que é isso?

Ele *era* novato.

— Os lobisomens vivem em bandos — expliquei-lhe. — Cada bando tem um Alfa, um lobo suficientemente forte para manter os outros sob controlo. O Adam Hauptman é o Alfa local.

— Qual é o aspeto dele? — questionou Mac.

— Um metro e setenta e oito, oitenta e dois quilos. Cabelo escuro, olhos escuros. Não me parece que tenha qualquer relação com os teus lobos — disse. — Se o Adam te quisesse, ele tinha-te; e ter-te-ia encontrado muito mais cedo. Pode ser um parvalhão, mas a competência é o seu forte.

Mac fixou-se em mim, os seus olhos castanhos pareciam amarelados sob a luz fluorescente do meu escritório. Para dizer a verdade, estava surpreendida por ele ainda estar na forma humana, porque observar um lobo a transformar-se tende a encorajar os outros. O meu olhar encontrou-se com o dele calmamente, e depois baixei os olhos até ao seu ombro.

— Está bem — replicou, tirando a mão lentamente. — Esta noite salvou-me... e aquela coisa podia tê-la feito em picadinho. Já os vi a matar.

Não perguntei quando ou quem. Era importante agir na ordem certa para evitar sarilhos maiores. Telefonar a Adam. Remover o corpo do meio da rua onde qualquer pessoa o podia ver. Depois falar. Marquei o número de Adam de memória.

— Hauptman — atendeu com um ligeiro tom de impaciência após o quarto toque.

— Matei um lobisomem na minha oficina — disse, desligando em seguida. Ao cenho franzido de Mac disse: — Isso provocará uma reação mais rápida do que se gastasse vinte minutos a explicar. Anda, tu e eu precisamos de tirar o corpo da rua antes que alguém o veja. — Quando o telefone tocou, foi o atendedor de chamadas que atendeu.

...

Levei a carrinha de Stefan porque carregar uma coisa grande para uma carrinha é mais fácil do que carregá-la para o meu pequeno *Rabbit*. Estava impregnada com o cheiro de Mac e percebi que não me tinha mentido ao dizer que tinha onde passar a noite. Vinha dormindo nela pelo menos há duas noites.

A carrinha não tinha travões — iríamos pô-los quando a arranjássemos —, mas consegui fazer com que deslizasse até parar junto do corpo. Mac ajudou-me a colocá-lo no interior da carrinha, e depois apressou-se de volta à oficina enquanto eu conduzia. Quando cheguei, tinha a oficina aberta.

Pousámos o homem morto no chão de cimento ao pé do elevador, após o que estacionei a carrinha no local de origem e puxei para baixo a porta basculante, ficando os dois no interior com o corpo.

Caminhei até à esquina mais distante do lobisomem morto e sentei-me no chão, junto de uma das minhas enormes caixas de ferramentas. Mac sentou-se ao meu lado, e ambos nos pusemos a olhar através da oficina para o cadáver.

Meio transformado, o corpo parecia ainda mais grotesco debaixo da luz áspera da segunda janela do que parecera sob a luz da rua, como algo saído de um filme a preto e branco de Lon Chaney. De onde estava sentada conseguia ver o rasgão no pescoço que o matara.

— Estava habituado a curar-se depressa — disse eu para quebrar o silêncio. — Portanto não fez caso do ferimento. Mas alguns ferimentos levam mais tempo a sarar do que outros. Ele não sabia mais do que tu. És lobisomem há quanto tempo?

— Dois meses — disse Mac, encostando a cabeça atrás, na caixa de ferramentas, e fitando o teto. — Matou a minha namorada, mas eu sobrevivi. Mais ou menos.

Tinha tido sorte, pensei, recordando as suposições que tinha feito quando escutara casualmente o seu telefonema. Afinal não tinha matado a sua namorada. Provavelmente não se estava a sentir com sorte, todavia, e eu não ia dizer-lhe que podia ser pior.

— Fala-me da tua vida depois disso. De onde vieram aqueles homens? És de Tri-Cidades? — Não tinha ouvido falar em nenhuma morte ou desaparecimento suspeito nos últimos seis meses.

Abanou a cabeça.

— Sou de Naperville. — Perante o meu olhar inexpressivo, clarificou. — Illinois. Perto de Chicago. — Olhou o corpo de relance, fechou os olhos e engoliu em seco. — Quero comê-lo — sussurrou.

— É perfeitamente natural — disse-lhe, embora deva admitir que me queria afastar dele. Deus me livre, estar enfiada com um lobisomem novato numa oficina de mecânica ao lado de carne fresca não correspondia propriamente à noção que as pessoas têm de segurança. Mas tínhamos de esperar até que Adam chegasse. Podia ter sido pior: podia ter sido mais perto da Lua cheia, ou podia ter estado tão esfomeado como naquele primeiro dia.

— A carne de veado não só sabe melhor como não corres o risco de ficar com remorsos depois — comentei, refletindo logo a seguir que talvez fosse melhor falar de outras coisas que não comida. — O que é que te aconteceu depois daquele primeiro ataque? Alguém te levou ao hospital?

Olhou-me por momentos, mas não era capaz de lhe adivinhar os pensamentos. Ele disse:

— Depois... depois do ataque, acordei numa jaula na cave de uma pessoa. Estava alguém na divisão e, quando abri os olhos, esse alguém disse «Ótimo, vais viver. O Leo vai ficar satisfeito.»

— Espera — disse. — Leo. Leo. Chicago. — Depois lembrei-me. — Leo James? Tem aspeto de campeão de esqui nórdico? Alto, cabelo comprido e loiro?

Leo era um dos Alfas de Chicago — havia dois. Leo dominava o território nos subúrbios a oeste. Tinha estado com ele uma ou duas vezes. Nenhum de nós ficara impressionado, mas, como eu disse, a maior parte dos lobisomens não vê com bons olhos os outros predadores.

Mac fez que sim com a cabeça.

— Parece-me ser ele. Desceu as escadas com o primeiro gajo e outro homem. Nenhum deles falava comigo ou respondia às minhas perguntas. — Engoliu em seco e lançou-me um olhar ansioso de soslaio. — Esta merda parece toda tão esquisita, sabe? Inacreditável.

— Estás a falar com alguém que é capaz de se transformar num coio-te — repliquei num tom brando. — Diz-me apenas aquilo que achas que aconteceu.

— Está bem — disse, anuindo lentamente com a cabeça. — Muito bem. Ainda estava fraco e confuso, mas pareceu-me que o Leo estava a discutir com o terceiro gajo sobre dinheiro. Fiquei com a impressão de que me vendeu por doze mil dólares.

— O Leo vendeu-te por doze mil dólares — disse, tanto para mim como para Mac. A minha voz poderá ter sido neutra, mas apenas porque Mac tinha razão: *era* inacreditável. Não que pensasse que ele estava a mentir. — Ele mandou um dos lobos dele atacar-vos, a ti e à tua namorada, e quando sobreviveste vendeu-te a outra pessoa como um lobisomem acabado de se transformar pela primeira vez.

— Penso que sim — retorquiu Mac.

— Ligaste à tua família hoje à tarde? — perguntei. Sorri perante o seu olhar desconfiado. — Tenho uma audição muito apurada.

— Ao meu irmão. Para o telemóvel dele. — Engoliu em seco. — Está avariado. Sem identificador de chamadas. Tinha de lhes dizer que estava vivo. Acho que a polícia pensa que eu matei a Meg.

— Disseste-lhe que andavas atrás do assassino — disse.

Soltou uma risada triste.

— Como se fosse possível encontrá-lo.

Era possível. Era tudo uma questão de aprender a usar os seus novos sentidos, mas não ia dizer-lhe isso, não ainda. Se Mac encontrasse o seu agressor, o mais provável era que viesse a morrer. Um lobisomem novato não tem a menor hipótese contra os mais velhos.

Dei-lhe uma palmadinha no joelho.

— Não te preocupes. Assim que informarmos as pessoas certas, e o Adam é a pessoa certa, o Leo é um homem morto. O Marrok não irá tolerar um Alfa que esteja a criar progénie e a vendê-la a troco de dinheiro.

— O Marrok?

— Desculpa — repliquei. — Tal como te disse, à exceção de um ou outro marginal, os lobisomens estão organizados em bandos sob a liderança de um lobo Alfa.

Pela sua natureza, esta era a melhor forma que os lobisomens tinham de se organizar. Mas a única coisa necessária para se ser Alfa é a força, não a inteligência ou mesmo o senso comum. Na Idade Média, após a Peste Negra, a população de lobisomens foi quase varrida, juntamente com os lobos autênticos, porque alguns dos Alfas eram pouco prudentes. Nessa altura foi decidido que haveria um líder acima de todos os lobisomens.

— Nos Estados Unidos, todos os bandos são seguidores do Marrok, designação retirada do nome de um dos cavaleiros do Rei Artur que era lobisomem. O Marrok e o seu bando têm a seu cargo a vigilância de todos os lobisomens da América do Norte.

— Há mais iguais a nós? — perguntou.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Talvez uns dois mil nos Estados Unidos, quinhentos ou seiscentos no Canadá e cerca de quatrocentos no México.

— Como é que sabe tanta coisa sobre lobisomens?

— Fui criada por eles. — Esperei que me perguntasse porquê, mas a sua atenção desviara-se para o corpo. Inalou profundamente e estremeceu de ansiedade.

— Tens ideia do que é que eles queriam de ti? — inquiri apressadamente.

— Disseram-me que estavam à procura de uma cura. Estavam sempre a pôr-me coisas na comida. Conseguia cheirá-las, mas estava com fome e por isso acabava por comer. Às vezes davam-me injeções, e uma vez, quando não cooperei, dispararam um dardo contra mim.

— Lá fora, quando estavas a falar com eles, disseste que tinham outros como tu?

Anuiu com a cabeça.

— Mantinham-me numa jaula dentro de um reboque. Havia quatro jaulas no interior. No princípio, éramos três, uma rapariga mais ou menos da minha idade e um homem. A rapariga estava basicamente passada: limitava-se a fitar o vazio e balançar-se para frente e para trás. O homem não sabia falar nada de inglês. A mim soava-me a polaco, mas podia ser russo ou coisa parecida. Numa das vezes em que estava pedrado por causa de uma coisa que me tinham injetado, acordei e estava sozinho.

— As drogas não fazem efeito nos lobisomens — disse-lhe. — O teu metabolismo é demasiado forte.

— Aqueles fizeram — replicou ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Acredito em ti. Mas não era de esperar que tivessem feito. Fugiste?

— Consegui transformar-me enquanto eles estavam a tentar dar-me outra coisa. Não me lembro de grande coisa, a não ser de correr.

— O reboque estava aqui em Tri-Cidades? — perguntei.

Anuiu com a cabeça.

— No entanto, não consegui voltar a encontrá-lo. Não me lembro de tudo o que acontece quando... — A sua voz desvaneceu-se.

— Quando és o lobo. — A memória surgia com a experiência e o controlo, ou pelo menos assim mo tinham dito.

Um carro estranho acercou-se da oficina com o ruído surdo comum aos motores caros.

— Que se passa? — perguntou quando me levantei.

— Não estás a ouvir o carro?

Começou a abanar a cabeça, mas depois parou.

— Eu... sim. Sim, estou.

— Há vantagens em ser-se lobisomem — afirmei. — Uma delas é ser-se capaz de ouvir e cheirar melhor do que o homem comum. — Pus-me de pé. — Está a virar para o parque de estacionamento. Vou lá fora ver quem é.

— Talvez seja o tipo que chamou. O Alfa.

Abanei a cabeça.

— Não é o carro dele.

Deslizei através da oficina e abri cautelosamente a porta de acesso ao exterior, mas o cheiro a perfume e ervas que pairava no ar da noite disse-me que ainda estávamos em segurança.

Um *Cadillac* de cor escura estendia-se ao longo do pavimento logo a seguir à carrinha de Stefan. Abri a porta de par em par ao mesmo tempo que o motorista de uniforme levava os dedos à aba do chapéu para me cumprimentar, abrindo em seguida a porta traseira do carro para revelar uma mulher idosa.

Voltei a enfiar a cabeça na oficina e gritei:

— Está tudo bem, Mac. É só a equipa de limpeza.

Fazer com que os humanos continuem a desconhecer a magia que vive entre eles é um negócio especializado e lucrativo, e o bando de Adam tinha ao seu serviço a melhor bruxa do Pacífico Noroeste. Os rumores acerca das origens de Elizaveta Arkadyevna Vyshnevetskaya e de como veio a aparecer em Tri-Cidades mudavam a cada semana. Julgo que a sua prole de netos e bisnetos encorajou as versões mais ultrajantes. A única coisa de que tinha a certeza era que nascera em Moscovo, na Rússia, e vivia em Tri-Cidades havia pelo menos vinte anos.

Elizaveta emergiu das profundezas do carro grande com a mesma intensidade dramática de uma *prima ballerina* que faz a sua vénia. O quadro que fazia era merecedor de toda a carga dramática.

Tinha quase um metro e oitenta e cinco de altura e pouco mais que pele e osso, com um nariz longo e elegante e olhos cinzentos e penetrantes. O estilo de vestido que trazia estava algures entre a boneca russa e

Baba Yaga¹⁰. Camadas de texturas e tecidos ricos pendiam-lhe até à barriga das pernas, tudo coberto com uma longa capa de lã e um lenço gasto enrolado à volta da cabeça e do pescoço. A sua indumentária não era autêntica, pelo menos não conseguia associá-la a nenhum período ou lugar de que tivesse ouvido falar, mas nunca vi ninguém com coragem suficiente para lho dizer.

— Elizaveta Arkadyevna, seja bem-vinda — disse, contornando a carrinha e postando-me junto do carro.

Franziu-me o sobrolho.

— O meu Adamya telefonou-me e disse-me que você tem um dos lobisomens dele morto. — A sua voz tinha a segura de uma aristocrata britânica, portanto sabia que estava zangada. O seu sotaque habitual era tão cerrado que tinha de fazer um esforço imenso para compreendê-la. Quando estava verdadeiramente zangada, não falava inglês de todo.

— Lobisomem, sim — concordei. — Mas não creio que seja um dos do Adam. — Adamya, tinha ficado a saber, era uma forma afetuosa de nomear Adam. Não me parece que alguma vez lhe tivesse chamado isso cara a cara. Elizaveta raramente era carinhosa com alguém suscetível de escutá-la sem ser notado.

— O corpo está na minha oficina — indiquei-lhe. — Mas há sangue por todos os lados. O lobisomem perseguiu-me com uma artéria rasgada e sangrou desde aqui até ao complexo de armazéns, onde destruiu a vedação em dois lugares, e em seguida sangrou até à morte na rua. O armazém tem câmaras, e eu usei a carrinha do Stefan — aponte na direção dela — para retirar o corpo.

Disse qualquer coisa em russo ao motorista, que reconheci como um dos seus netos. Ele inclinou a cabeça e respondeu-lhe qualquer coisa antes de contornar o carro para abrir a mala.

— Vá — disse-me, agitando os braços num gesto de quem empurra alguém. — Resolverei esta trapalhada sem a sua ajuda. Espere ao pé do corpo. O Adam chegará em breve. Depois de o ver, irá dizer-me o que quer que eu faça com ele. Você matou este lobo? Com uma bala de prata? Devo procurar cartuchos?

— Com as minhas presas — respondi; ela sabia o que eu era. — Foi uma espécie de acidente... pelo menos a morte dele foi.

Agarrou-me pelo braço na altura em que me virei para seguir para o escritório.

— Onde é que tinha a cabeça, Mercedes Thompson? Um Lobo Pe-

¹⁰ Figura do folclore do leste europeu. Mulher velha e ossuda que viaja pelos céus montada num almofariz. (*N. do T.*)

queno que ataca os grandes morrerá em pouco tempo, penso. A sorte não dura para sempre.

— Ele teria matado um rapaz que estava sob a minha proteção — expliquei-lhe. — Não tinha alternativa.

Soltou-me o braço e bufou em sinal de reprovação, mas quando falou o seu sotaque russo era bem notório.

— Existe sempre uma alternativa, Mercy. Sempre uma alternativa. Se atacou um rapaz, suponho que não tenha sido um dos do Adamya.

Olhou para o seu motorista e ladrou mais qualquer coisa. Definitivamente dispensada, regressei para junto de Mac e do nosso lobisomem morto.

Dei com Mac aninhado perto do corpo, a lamber os dedos como se tivesse tocado no sangue que secava e estivesse a limpá-los. Não era um bom sinal. De algum modo, estava plenamente convicta de que se Mac tivesse absoluto controlo sobre si próprio, não estaria a fazer aquilo.

— Mac — disse, contornando-o e encaminhando-me para o lado oposto da oficina, onde tínhamos estado sentados.

Rosnou-me.

— Para com isso — disse ríspidamente, fazendo o melhor que conseguia para dissimular o medo na minha voz. — Controla-te e anda para aqui. Há algumas coisas que precisas de saber antes que o Adam chegue.

Andava a evitar uma luta pelo domínio porque os meus instintos me diziam que Mac era um líder natural, um dominante que poderia muito bem vir a tornar-se um Alfa por direito próprio — e eu era uma mulher.

A emancipação da mulher não tinha dado grandes passos no mundo dos lobisomens. Uma fêmea com parceiro ocupava a mesma posição que ele no bando, mas as fêmeas sem parceiro estavam sempre abaixo dos machos, a menos que estes fossem invulgarmente submissos. Este pequeno facto causara-me um sofrimento sem fim ao crescer no seio de um bando de lobisomens. Mas sem alguém mais dominante do que eu, Mac ainda não seria capaz de controlar o lobo dentro de si. Adam não estava lá, portanto cabia-me a mim a tarefa.

Olhei-o fixamente, imitando o meu padrasto o melhor que era capaz e ergui uma sobrancelha.

— Mac, pelo amor de Deus, deixa esse pobre cadáver e anda para aqui.

Ergueu-se lentamente, com a ameaça ainda agarrada a ele. Depois sacudiu a cabeça e esfregou a cara, vacilando um bocado.

— Isso ajudou — disse ele. — Pode fazer isso outra vez?

Dei o meu melhor.

— Mac. Anda para aqui imediatamente.

Caminhou aos cambaleios em direção a mim, como se embriagado, e sentou-se aos meus pés.

— Quando o Adam chegar — disse-lhe firmemente —, faça o que fizeres, não o olhes diretamente nos olhos mais do que um ou dois segundos. Espero que o faça por instinto. Não é preciso encolheres-te de medo. Não te esqueças de que não fizeste absolutamente nada de errado. Deixa-me ser eu a falar. O que nós queremos é que o Adam te leve para casa com ele.

— Estou bem sozinho — objetou Mac, com um tom que parecia quase o seu, mas ainda de cabeça voltada para o corpo.

— Não, não estás — devolvi com firmeza. — Se não existisse um bando, talvez sobrevivesses. Mas se deres de caras com um dos lobos de Adam sem teres sido dado a conhecer ao bando, provavelmente mata-te. Além disso, a Lua cheia está para breve. O Adam pode ajudar-te a controlares a besta que tens dentro de ti antes disso.

— Posso controlar o monstro? — perguntou Mac, estático.

— Claro que sim — respondi. — E não é um monstro. Os lobisomens são impulsivos e agressivos, mas não são malvados. — Pensei naquele que o tinha vendido e corrija-me. — Pelo menos não são mais malvados do que qualquer outra pessoa.

— Nem sequer me lembro do que a besta faz — disse Mac. — Como é que eu posso controlá-la?

— Nos primeiros minutos é mais difícil — expliquei-lhe. — Um bom Alfa pode ajudar-te a ultrapassar isso. Assim que tiveres controlo, podes regressar à tua vida anterior se quiseres. Tens de ser um bocado cuidadoso; mesmo na forma humana vais ter de lidar com o facto de teres um grau de tolerância menor e muito mais força do que aquela a que estás habituado. O Adam pode ensinar-te.

— Nunca vou poder regressar — sussurrou.

— Primeiro, aprende a ter controlo — disse-lhe. — Há pessoas que te podem ajudar em relação ao resto. Não desistas.

— Você não é como eu.

— Não — concordei. — Sou uma caminhante: é diferente daquilo que tu és. Eu nasci assim.

— Nunca tinha ouvido falar num caminhante. Isso é alguma espécie de ser feérico?

— Algo parecido — respondi. — Não tenho montes de coisas porreiras que vocês, lobisomens, têm. Nada de super força. Nada de super cura. Nada de bando.

— Nada de probabilidade de vir a comer os seus amigos — sugeri. Não sabia dizer se estava a tentar ser engraçado, ou se estava a falar a sério.

— Há algumas vantagens — concordei.

— Como é que descobriu tantas coisas sobre lobisomens?

Abri a boca para lhe dar a versão abreviada, mas decidi que a história toda talvez servisse melhor para o distrair do cadáver.

— A minha mãe era fanática por rodeios — comecei, sentando-me ao seu lado. — Ela gostava de vaqueiros, de qualquer vaqueiro. Gostava de um *Blackfoot*¹¹ que montava touros, chamado Joe Velho Coiote, de Browning, Montana, ao ponto de me terem concebido. Ela disse-me que ele afirmava descender de uma longa linhagem de feiticeiros, mas na altura ela pensava que ele estava apenas a tentar impressioná-la. Morreu num acidente de carro três dias depois de o ter conhecido. A minha mãe tinha dezassete anos, e os pais dela tentaram convencê-la a fazer um aborto, mas ela não aceitava a ideia. Depois tentaram fazer com que me desse para adoção, mas estava determinada a criar-me sozinha... até eu chegar aos três meses de idade e ela ter dado com uma cria de coiote no meu berço.

— O que é que ela fez?

— Tentou encontrar a família do meu pai. Foi a Browning e encontrou várias famílias lá com esse apelido, mas que afirmavam nunca ter ouvido falar no Joe. Não há dúvida de que era um ameríndio. — Fiz um gesto para que se concentrasse na minha aparência. Não pareço uma puro-sangue; os meus traços são demasiado anglo. Mas a minha pele parece bronzada, mesmo em novembro, e o meu cabelo liso é tão escuro quanto os meus olhos. — Mas, à parte disso, não sei grande coisa acerca dele.

— Velho Coiote — disse Mac especulativamente.

Sorri-lhe.

— Faz-te pensar que esta coisa da transformação deve ser de família, não?

— E como é que veio a ser criada por lobisomens?

— O tio do meu bisavô era lobisomem — contei-lhe. — Devia ser um segredo de família, mas é difícil manter segredos com a minha mãe. Ela limita-se a sorrir às pessoas e elas contam-lhe as suas histórias de vida. Em todo o caso, ela descobriu o número de telefone dele e ligou-lhe.

— Uau — admirou-se Mac. — Eu nunca conheci nenhum dos meus bisavôs.

— Nem eu — repliquei, sorrindo em seguida. — Apenas um tio deles que era lobisomem. Um dos benefícios de se ser um lobisomem é ter uma vida longa. — Se se for capaz de controlar o lobo, mas Adam poderia explicar essa parte melhor do que eu.

O seu olhar voltou a concentrar-se no nosso amigo morto.

— Sim, bem — disse, soltando um suspiro. — A estupidez ainda te

¹¹ Membro da tribo de ameríndios de Montana que recebe o mesmo nome. (N. do T.)

vai custar a vida. O tio do meu bisavô foi suficientemente inteligente para viver mais do que a sua geração, mas todos esses anos não evitaram que fosse estripado por um alce que andava a perseguir uma noite. Seja como for — continuei —, veio fazer-me uma visita e soube o que eu era assim que me viu. Isso foi antes de os seres feéricos irem a público e numa altura em que as pessoas ainda estavam a tentar fingir que a ciência tinha excluído a possibilidade da magia. Convenceu a minha mãe de que eu estaria mais segura nas regiões interiores de Montana, sendo criada pelo bando do Marrok. Eles têm a sua própria cidade nas montanhas, onde raramente são incomodados por forasteiros. Fui adotada nesse sítio por uma família que não tinha nenhum filho.

— A sua mãe abriu mão de si, simplesmente?

— A minha mãe ia lá todos os verões, e também não lhe facilitavam a vida. Não morrem de amores pelos humanos, os Marrok, à exceção das suas próprias esposas e dos seus filhos.

— Pensava que Marrok era o lobo que governava a América do Norte — disse Mac.

— Por vezes os bandos adotam o nome dos seus líderes — expliquei-lhe. — Portanto o bando de Marrok auto-intitula-se Marrok. O mais comum é basearem-se nalguma característica geográfica do seu território. Os lobos do Adam são o Bando da Bacia do Columbia. O único bando em Washington para além desse é o Bando Esmeralda, em Seattle.

Mac ia fazer mais uma pergunta, mas levantei a mão para que se mantivesse em silêncio. Tinha ouvido o carro de Adam a chegar.

— Lembra-te do que te disse sobre o Alfa — relembrei a Mac, pondo-me de pé logo a seguir. — Ele é um bom homem e tu precisas dele. Limita-te a ficar aí sentado, de olhos virados para baixo, deixa que seja eu a falar, e tudo correrá bem.

A pesada porta da oficina rangeu e depois retiniu como um címbalo gigante à medida que era levantada até ao topo com uma rapidez superior à habitual.

Adam Hauptman postou-se na soleira, um manto de silêncio cobria-lhe o corpo, e, por um instante, vi-o apenas com os meus olhos, como um humano faria. Valia a pena olhá-lo.

Apesar do seu apelido alemão, o seu rosto e a sua tez eram eslavos: pele morena, cabelo escuro — embora não tão escuro quanto o meu —, maçãs do rosto largas e uma boca estreita mas sensual. Não era alto nem corpulento, pelo que os humanos se poderiam perguntar por que razão todos os olhos se voltavam para ele quando entrava nalgum sítio. Depois veriam o seu rosto e presumiriam, erradamente, que este seria o motivo da atração. Adam era um Alfa, e se fosse feio exerceria a mesma atração sobre qualquer

pessoa que estivesse perto dela, lobo ou humano — mas a beleza masculina que transportava de forma tão natural não fazia mal a ninguém.

Em circunstâncias mais normais, os seus olhos eram da cor do chocolate preto, mas, por força da fúria, haviam-se iluminado até ficarem quase amarelos. Ouvi Mac arfar quando sofreu o impacto total da fúria de Adam, pelo que me preparei e deixei que a onda de poder me banhasse como água do mar em vidro.

Talvez devesse ter explicado melhor as coisas quando estava com ele ao telefone, mas que graça teria isso?

— O que é que se passou? — perguntou ele, a sua voz mais suave do que a primeiro nevão de inverno.

— É complicado — disse eu, de olhos fitos nos dele durante dois segundos completos, antes de virar a cabeça e gesticular na direção do corpo. — O morto está ali. Se te pertence, é novo, e não tens andado a fazer o teu trabalho. Era tão surdo e cego quanto um humano. Consegui atingi-lo de surpresa, e depois mostrou ser demasiado ignorante para perceber que o ferimento não sararia tão depressa como o habitual se fosse provocado por uma criatura preternatural. Deixou-se sangrar até morrer porque estava demasiado envolvido na perseguição para...

— Basta, Mercedes — grunhiu, encaminhando-se em passo largo para o lobisomem morto e ajoelhando-se ao seu lado. Moveu o corpo e um dos braços do cadáver caiu pesadamente no chão.

Mac gemeu ansiosamente, após o que inclinou a cabeça e a pressionou contra a minha coxa de modo a não ver.

O som desviou a atenção de Adam do corpo para o rapaz aos meus pés.

Rugiu.

— Este não é um dos meus. E aquele também não.

— Tão amável — disse-lhe. — A tua mãe merece os parabéns pelas tuas boas maneiras, Hauptman.

— Cuidado — sussurrou. Não era uma ameaça, era um aviso.

OK. Ele era assustador. Mesmo assustador. Talvez já fosse assustador quando era apenas um humano. Mas não serviria de nada fazê-lo saber que me intimidava.

— Adam Hauptman — disse educadamente para lhe mostrar como se fazia. — Permite-me que te apresente o Mac. É o único nome que sei dele. Foi atacado por um lobisomem em Chicago há coisa de duas Luas. O lobisomem matou-lhe a namorada, mas ele sobreviveu. Foi levado pelo atacante e metido numa jaula. Um homem que se parece muito com o Alfa de Chicago, o Leo, vendeu-o a alguém que o manteve dentro de uma jaula num reboque e o usou para aquilo que parecem ser umas experiências

quaisquer com drogas, até que ele se conseguiu libertar. Na passada sexta-feira, apareceu-me à porta à procura de trabalho.

— Não me informaste que tinhas um lobo estranho à tua porta?

Soltei um suspiro de impaciência.

— Não sou um dos membros do teu bando, Adam. Eu sei que é difícil para ti perceber isto, por isso vou falar devagar: Eu não te pertenço. Não tenho qualquer obrigação de te dizer seja o que for.

Adam praguejou duramente.

— Os lobisomens novatos são perigosos, mulher. Especialmente quando têm frio e fome. — Olhou para Mac e a sua voz mudou completamente, a exaltação e a fúria esfumaram-se. — Mercy, chega aqui.

Não olhei para baixo para perceber o que tinha notado na cara de Mac. Dei um passo, mas Mac estava embrulhado em redor da minha perna esquerda. Parei antes de cair.

— Hum... De momento estou um bocadinho presa.

— Para uma rapariga inteligente, às vezes és estúpida quanto basta — afirmou ele num tom divertido e dócil de modo a não assustar o lobisomem ao meu lado. — Fechares-te numa oficina com um lobo novato e um cadáver não terá sido a coisa mais inteligente a fazer. Ainda não tenho uma ligação com ele. Se me disseses o nome verdadeiro dele já era uma ajuda.

— Mac — murmurei. — Como é que te chamas?

— Alan — respondeu como se devaneasse, pondo-se de joelhos e enfiando a cara na minha barriga. — Alan MacKenzie Frazier, em homenagem ao meu avô, que morreu no ano em que eu nasci. — A fricção causada pelo seu movimento fez com que a minha t-shirt subisse e a seguir lambeu-me a pele. Aos olhos de um observador poderia parecer uma cena sensual, mas o abdómen é um ponto vulnerável do corpo, um ponto de eleição para os predadores. — Cheira bem — sussurrou.

Senti-lhe o odor a lobisomem e comecei a entrar em pânico — o que não era lá muito útil.

— Alan — disse Adam, envolvendo o nome com a língua. — Alan MacKenzie Frazier, chega aqui ao pé de mim.

Mac afastou a cabeça de mim mas apertou dolorosamente os braços em redor das minhas ancas. Olhou para Adam e emitiu uma rosnadela, um ruído surdo que fez com que o seu peito vibrasse contra a minha perna.

— Minha — disse.

Os olhos de Adam semicerraram-se.

— Não me parece. Ela é minha.

Teria sido lisonjeador, pensei, não fosse o facto de pelo menos um deles estar a falar do jantar e o outro estar a falar de algo de que não estava

certa. Enquanto Adam distraía Mac, estiquei o braço para trás e peguei no meu pé-de-cabra da prateleira diretamente atrás de nós. Usei-o para dar uma pancada na clavícula de Mac.

Foi um golpe estranho, porque não tinha espaço para imprimir muita força, porém a clavícula, mesmo num lobisomem, não é difícil de lesionar. Ouvi o osso estalar e, com um sacão, libertei-me do abraço de Mac e atravessei a oficina antes que ele recuperasse da dor inesperada.

A ideia de magoá-lo não me agradou, mas ele iria curar-se dali a poucas horas e tinha evitado que ele me comesse. Não me parecia o tipo de pessoa que recuperasse de um assassinio com a mesma facilidade que recuperaria de um osso partido.

Adam tinha-se movido quase tão levemente quanto eu. Agarrou Mac pelo cachaco e puxou-o bruscamente até que ficasse de pé.

— Adam — disse a partir da segurança relativa do lado oposto da oficina. — Ele é novato e não foi instruído. Uma vítima. — Mantive o meu tom de voz baixo para não contribuir para a excitação.

O facto de Mac não parecer particularmente perigoso naquele momento ajudou. Estava pendurado frouxamente na mão de Adam.

— Desculpem — murmurou de forma quase inaudível. — Desculpem.

Adam soltou um sopro exasperado e pousou Mac no chão — sobre os pés, a princípio, mas quando os joelhos de Mac se mostraram demasiado débeis para suportar o peso do seu corpo, Adam amparou-o até que se prostrasse no chão.

— Dói — desabafou Mac.

— Eu sei. — Adam já não soava furioso; claro que não: estava a falar com Mac e não comigo. — Se te transformares, irá sarar mais depressa.

Mac pestanejou de olhos fitos nele.

— Não me parece que ele saiba como fazê-lo de forma intencional — mencionei.

Adam olhou o corpo de viés, com ar pensativo, e depois cravou os olhos em mim.

— Disseste qualquer coisa sobre uma jaula e experiências?

Mac não disse nada, pelo que anuí com a cabeça.

— Foi isso que ele me contou. Ao que parece, alguém tem uma droga e está a tentar fazer com que faça efeito nos lobisomens. — Relatei-lhe o que Mac me tinha contado, e depois narrei-lhe os pormenores do meu encontro com o lobisomem morto e o seu camarada humano. Já tinha contado a Adam a maior parte dos factos relevantes, mas não estava certa da quantidade de informação que tinha ultrapassado a barreira da sua ira, portanto contei-lhe tudo de novo.

— Merda — disse Adam sucintamente após eu ter terminado. — Pobre miúdo. — Voltou-se para Mac. — Muito bem. Vais ficar fino. A primeira coisa que vamos fazer é convocar o lobo em ti para que te possas curar.

— Não — retorquiu Mac, olhando para mim de forma esgazeada, e depois para o lobisomem morto. — Não me consigo controlar quando estou nesse estado. Vou fazer mal a alguém.

— Olha para mim — disse Adam, e pese embora a sua voz sombria e áspera não se dirigisse a mim, senti-me incapaz de tirar os olhos dele. Mac estava fascinado.

— Está tudo bem, Alan. Eu não vou deixar que faças mal à Mercy, por muito que ela mereça. Nem — prosseguiu Adam, provando que era perspicaz — vou permitir que comas o morto.

Quando Mac hesitou, regressei para perto dele e ajoelhei-me ao lado de Adam de modo a poder olhar Mac diretamente nos olhos.

— Eu disse-te, ele consegue controlar o lobo que tens em ti até tu seres capaz de fazê-lo sozinho. É por isso que é um Alfa. Podes confiar nele.

Mac fixou-se em mim e depois fechou os olhos e acenou afirmativamente.

— Está bem. Mas não sei como.

— Aprenderás a fazê-lo — interveio Adam. — Mas por agora vou ajudar-te. — Afastou-me com o joelho ao mesmo tempo que sacava do canivete. — Isto será mais fácil sem a tua roupa.

Levantei-me o mais comedidamente possível e tentei não fugir quando Mac gritou.

Na maior parte das vezes, a transformação não é fácil nem indolor, e tornava-se pior sem o apelo da Lua. Não sei por que motivo não se podem transformar como eu, mas tive de fechar os olhos perante os sons de sofrimento que vinham do canto da minha oficina. Por certo a clavícula partida não facilitava a transformação a Mac. Alguns lobisomens conseguem transformar-se de forma relativamente rápida através da prática, mas um lobisomem novato pode demorar muito tempo.

Saí da oficina através do escritório e caminhei porta fora, para lhes dar alguma privacidade, por um lado, e porque não conseguia aguentar mais o sofrimento de Mac, por outro. Sentei-me no único degrau de cimento do lado de fora do escritório e pus-me à espera.

Elizaveta regressou, apoiada no braço do seu neto, sensivelmente na mesma altura em que o grito de Mac se transformou num bramido de lobo.

— Há outro lobisomem? — perguntou-me Elizaveta.

Fiz que sim com a cabeça e pus-me de pé.

— Aquele rapaz de que lhe falei. Mas o Adam está aqui, portanto ele

está em segurança. Limpou a carrinha do Stefan? — inquiri, acenando com a cabeça na direção da carrinha.

— Sim, sim. Achava que estava a lidar com uma amadora? — Deu uma fungadela ofendida. — O seu amigo vampiro jamais suspeitará que dentro da sua carrinha esteve outro cadáver para além do dele.

— Obrigada. — Virei a cabeça, mas não ouvia nada vindo do interior da oficina, portanto abri a porta do escritório e gritei: — Adam?

— Está tudo bem — respondeu, soando cansado. — É seguro.

— Elizaveta está aqui com o motorista — avisei-o no caso de não se ter dado conta quando se tinha precipitado na direção da oficina.

— Ela que entre, também.

Teria segurado a porta aberta, porém o neto de Elizaveta tirou-ma da mão e segurou-a para que ambas entrássemos. Elizaveta transitou o seu braço ossudo dele para mim, embora a avaliar pela força com que me agarrou o braço eu tivesse a certeza absoluta de que não precisava de ajuda para andar.

Mac estava encolhido no canto oposto da oficina, onde o deixara. Na sua forma lupina era de um cinza-escuro, confundindo-se com as sombras no chão de cimento. Tinha uma pata branca e uma tira branca que se alongava pelo focinho. Os lobisomens normalmente têm marcas que são mais caninas do que lupinas. Não sei porquê. Bran, o Marrok, tem uma mancha branca na cauda, como se a tivesse mergulhado num balde de tinta. Eu acho que é giro — mas nunca tive coragem para lho dizer.

Adam estava ajoelhado ao lado do homem morto, sem prestar a menor atenção a Mac. Olhou para cima quando entrámos, vindos do escritório.

— Elizaveta Arkadyevna — disse numa saudação formal, acrescentando qualquer coisa em russo. Regressando ao inglês, continuou: — Robert, obrigado por teres vindo também.

Elizaveta disse algo em russo, dirigindo-se a Adam.

— Ainda não — replicou Adam. — Consegue reverter a transformação dele? — Gesticulou na direção do homem morto. — Não lhe reconheço o cheiro, mas gostava de olhar bem para a cara dele.

Elizaveta franziu o cenho e falou rapidamente em russo para o seu neto. A resposta dele foi correspondida com um aceno afirmativo da parte dela, e conversaram um bocado até se voltarem novamente para Adam.

— Talvez isso seja possível. Posso pelo menos tentar.

— Por acaso não tens uma máquina fotográfica aqui, Mercy? — perguntou Adam.

— Tenho — respondi. Trabalho com carros antigos. Às vezes trabalho com carros que outras pessoas «restauraram» de uma forma nova e interes-

sante. Entendi que tirar uma fotografia aos carros antes de trabalhar neles é útil para voltar a montá-los. — Vou buscá-la.

— E traz uma folha de papel e uma almofada de carimbo, se tiveres. Vou enviar as impressões digitais dele a um amigo para identificação.

Quando regresssei, o cadáver estava novamente na sua forma humana, e o buraco que lhe tinha feito no pescoço estava aberto como um balão reventado. Tinha a pele azul da perda de sangue. Já tinha visto homens mortos, mas nenhum cuja morte tinha sido responsabilidade minha.

A transformação rasgara-lhe as roupas — e não da forma interessante que os livros de banda desenhada e artistas do fantástico sempre retratavam. O fundilho das suas calças estava completamente rasgado assim como o colarinho da camisa e as costuras dos ombros, encharcados de sangue. Tinha um aspecto muito pouco digno.

Adam tirou-me a máquina digital e tirou algumas fotografias de diferentes ângulos, enfiando-a depois no estojo e pendurando-a ao ombro.

— Devolvo-ta assim que transferir estas fotografias — prometeu distraidamente, após o que pegou no papel e na almofada de carimbo e, muito habilmente, rolou os dedos frouxos de Mac na tinta e depois na folha de papel.

Depois disso, as coisas aconteceram depressa. Adam ajudou o neto de Elizaveta a depositar o corpo nas luxuosas profundezas da mala do carro dela para dele se desfazerem posteriormente. Elizaveta soltou uns resmoneios e agitou-se umas quantas vezes para inundar a minha oficina com a sua magia e, esperançosamente, eliminar qualquer indício de que tivera um cadáver lá dentro. Também levou a roupa de Mac.

— Chiu — disse Adam ao ouvir Mac protestar com um grunhido. — De qualquer forma, não passavam de trapos. Tenho peças de roupa em minha casa que te devem servir, e amanhã arranjam os mais.

Mac olhou-o.

— Vens comigo para a minha casa — disse Adam num tom que não dava espaço a discussões. — Não vou permitir que um lobisomem novato ande por aí à solta na minha cidade. Vens e aprendes umas coisas, e depois deixo-te ficar ou ir embora, como escolheres. Mas só depois de eu achar que já és capaz de te controlar.

— Vou-me embora; não é bom para uma mulher idosa como eu estar acordada a esta hora — anunciou Elizaveta. Fitou-me carrancudamente. — Não faça nada de estúpido durante uns tempos, Mercedes. Não desejaria ter de voltar a este lugar.

Falava como se fosse seu hábito resolver as minhas trapalhadas, embora aquela fosse a primeira vez. Eu estava cansada, e a sensação de náusea que matar um homem deixara no meu estômago ainda ameaçava trazer-me à

boca o pouco que tinha sobrado do meu jantar. A sua rudeza excitou-me os nervos que estava a tentar refrear, pelo que a minha resposta não foi tão diplomática quanto deveria ter sido.

— Eu também não desejaria — pronunciei suavemente.

Ela percebeu o insulto implícito, mas manteve os olhos bem abertos e calmos para que não descobrisse se eu estava a falar a sério ou não. Insultar bruxas está no topo da lista de coisas estúpidas, juntamente com enfurecer lobisomens Alfa e abraçar um lobisomem novato ao pé de um corpo morto: tudo coisas que fizera naquela noite. Não tive como evitá-las, todavia. O desafio era um hábito que desenvolvera para me preservar enquanto crescia no seio de um bando de lobisomens dominantes e, na sua maioria, machos. Os lobisomens, à semelhança dos outros predadores, respeitam a bravura. Se se é demasiado cuidadoso para não enfurecê-los, verão isso como uma fraqueza — e as coisas fracas convertem-se em presas.

No dia seguinte ia reparar carros antigos e manter-me de cabeça inclinada durante algum tempo. Tinha esgotado toda a minha sorte naquela noite.

Adam pareceu concordar porque pegou na mão de Elizaveta e enfiou-a no seu braço em forma de gancho, voltando a atrair a atenção dela para si enquanto a acompanhava de regresso ao carro. O seu neto, Robert, dirigiu-me um sorriso preguiçoso.

— Não abuses muito da matrioska, Mercy — disse num tom brando.
— Ela gosta de ti, mas isso não a irá deter se entender que não lhe estás a demonstrar o devido respeito.

— Eu sei — repliquei. — Vou para casa para ver se umas horitas de sono me põem freio na língua antes que ela nos meta em sarilhos. — A minha intenção era soar divertida, mas apenas soei cansada.

Robert dirigiu-me um sorriso solidário antes de sair.

Um grande peso caía sobre a minha anca e olhei para baixo e vi Mac. Lançou-me aquilo que entendi como um olhar compassivo. Adam ainda estava com Elizaveta, mas não parecia haver nenhum problema com Mac. Cocei-o ao de leve atrás da orelha levantada.

— Anda. Vamos fechar tudo.

Daquela vez lembrei-me de pegar na minha bolsa.

Finalmente chegada a casa, decidi que existia apenas um remédio para uma noite assim. A minha porção de chocolate preto escondida tinha desaparecido e tinha comido a última bolacha de gengibre, por isso liguei o forno e peguei numa tigela. Quando alguém me bateu à porta, estava a despejar pepitas de chocolate na massa de biscoitos.

Na minha soleira estava uma rapariga com um cabelo laranja fluorescente que lhe brotava da cabeça em caracóis tumultuosos, e que nos olhos usava maquilhagem suficiente para abastecer uma equipa profissional de chefes de claqué durante um mês. Numa das mãos segurava a minha máquina.

— Olá, Mercy. O meu pai mandou-me cá vir para te dar isto e para se ver livre de mim enquanto tratava de um problema com o bando. — Revirou os olhos quando me entregou a máquina. — Ele age como se eu não soubesse que me devo manter afastada de lobisomens desconhecidos.

— Olá, Jesse — disse, acenando para que ela entrasse.

— Além de que — continuou enquanto entrava e limpava os sapatos no tapete — este lobo era giro. Com uma tirinha aqui... — Percorreu o nariz com o dedo. — Ele não me ia fazer mal. Eu estava só a esfregar-lhe a barriga e o meu pai entrou e passou-se... Ah, que delícia, massa de biscoitos! Posso comer um bocado?

Jesse era a filha de Adam, tinha treze anos e estava à beira de fazer catorze. Passava a maior parte do ano com a sua mãe em Eugene — talvez estivesse em Tri-Cidades para passar o Dia de Ação de Graças com Adam. Parecia-me um pouco cedo para isso, dado que o Dia de Ação de Graças só seria na quinta-feira, mas ela andava numa escola privada para miúdos

brilhantes e excêntricos, portanto talvez as suas férias fossem mais longas do que as dos alunos do ensino público.

— Pintaste o cabelo especialmente para o teu pai? — perguntei-lhe, pegando numa colher e dando-lha com uma porção substancial de massa.

— Claro — respondeu, dando uma dentada. Depois continuou a falar como se não tivesse a boca cheia. — Ele fica a sentir-se mais pai quando há alguma coisa de que se pode queixar. Para além disso — continuou com um ar de retidão —, toda a gente em Eugene está a fazer o mesmo. Sai com as lavagens numa semana ou duas. Quando me cansei do sermão, simplesmente disse-lhe que ele tinha sorte por eu não usar super-cola para colar espigões como o meu amigo Jared. Talvez faça isso nas próximas férias. Isto é bom. — Enfiou a colher na massa para comer mais um bocado e dei-lhe uma palmada na mão.

— Não depois de ter estado na tua boca — repreendi-a. Dei-lhe outra colher, acabei de misturar as pepitas e comecei a deitar a massa de biscoitos nas travessas.

— Oh, quase me esquecia — disse ela, depois de mais uma colherada —, o meu pai enviou uma mensagem juntamente com a máquina. É desnecessariamente críptica, porque sei que me vais explicar o que significa. Estás preparada?

Coloquei a primeira travessa no forno e comecei a preencher a segunda.

— Chuta.

— Ele disse «Consegui uma informação. Não te preocupes. Era um atirador contratado». — Agitou a colher na minha direção. — Agora explica-me.

Suponho que devesse ter respeitado a necessidade de Adam de proteger a sua filha, mas tinha sido ele a mandá-la ir ter comigo.

— Esta noite matei um homem. O teu pai descobriu quem era.

— A sério? E era um assassino contratado? Fixe. — Deixou cair a colher na pia, ao lado da primeira, e depois deu um salto para se sentar no meu balcão e deu início a uma veloz sessão de perguntas e respostas feitas e dadas por ela própria. — Foi por isso que lhe telefonaste esta noite? Ficou completamente furioso. Por que é que telefonaste ao meu pai? Não, espera. O homem que mataste era um lobisomem, não era? Foi por isso que o meu pai saiu disparado. Quem é o lobo que veio com ele? — Fez uma pausa. — *Tu* mataste um lobisomem? Tinhas uma arma?

Várias. Mas não tinha levado nenhuma comigo para a oficina.

Ela fizera uma pausa, por isso respondi-lhe às suas duas últimas perguntas.

— Sim e não.

— Fantástico — disse, exibindo um sorriso rasgado. — Então, como é que aconteceu?

— Não foi de propósito — expliquei-lhe, como a reprimir alguma coisa. Mais me valia ter tentado sustentar um maremoto com as minhas próprias mãos, teria surtido o mesmo efeito.

— Claro que não — replicou. — A não ser que estivesse mesmo fo... — Ergui uma sobrancelha e ela mudou a palavra sem abrandar. — Furi-bunda. Tinhas uma faca? Ou foi com um pé-de-cabra?

— Com os meus dentes.

— Ui... — Fez uma careta por breves instantes. — Sórdido. Ah, estou a ver. O que estás a dizer é que o apanhaste enquanto estavas na forma de coiote?

A maioria dos humanos apenas sabe que os seres feéricos existem — e ainda há muitas pessoas que pensam que os seres feéricos não passam de um embuste praticado pelo governo ou contra o governo, como preferirem. Jesse, todavia, na condição de filha de um lobisomem, apesar de ser humana, tinha consciência plena das «Coisas Selvagens», como costumava designá-las. Parte disso era culpa minha. Na primeira ocasião em que a conheci, pouco tempo depois de o Alfa ter instalado a sua família perto de minha casa, ela tinha-me perguntado se eu era um lobisomem como o pai dela. Eu disse-lhe o que era, e ela moeu-me o juízo até que lhe mostrasse o meu aspeto quando assumia a minha outra forma. Acho que tinha nove anos e já era uma perita na arte da persistência.

— Sim. Estava só a tentar chamar a atenção dele para que me perseguisse e deixasse o Mac. O Mac é o lobisomem com a tira... — Imitei-lhe o gesto de percorrer o nariz dedo abaixo com o dedo. — Ele é impecável — disse-lhe. — Depois, sentindo que teria de assumir o papel de adulta por uma questão de equidade para com o seu pai, acrescentei: — Mas é um novato, e o controlo dele ainda não é o melhor. Portanto dá ouvidos ao teu pai em relação a ele, OK? Se o Mac te mordesse ou magoasse, ele ia sentir-se pessimamente, e aquilo por que passou já é mais que suficiente. — Hesitei. Na verdade, não tinha nada a ver com isso, mas gostava de Jesse. — O teu pai tem alguns lobos dos quais tens mesmo de te manter afastada.

Ela assentiu com a cabeça mas, num tom seguro, retorquiu:

— Eles não me vão fazer mal, não com o *meu* pai. Mas estás a falar do Ben, não estás? O meu pai disse-me para me manter longe dele. Conheci-o ontem quando apareceu lá em casa. — Enrugou o nariz. — É um rato, mesmo tendo aquele sotaque britânico fixe.

Não tinha a certeza do que queria dizer com «rato», mas tinha a certeza de que Ben encaixava no nome.

Comemos os biscoitos quando saíram do forno, e dei-lhe um prato

cheio, envolvido em papel de alumínio, para que o levasse consigo. Acompanhei-a até ao alpendre e vi um monte de carros estacionados em frente à casa de Adam. Devia ter chamado o bando.

— Eu acompanho-te até casa — disse-lhe, enfiando os pés nos sapatos que mantinha no alpendre para quando o chão estava lamacento.

Ela revirou os olhos, mas esperou por mim.

— A sério, Mercy, o que é que vais fazer se um dos do bando decidir meter-se connosco?

— Consigo gritar muito alto — respondi. — Isso se não optar por usar a minha técnica recém-patenteada e matá-lo também.

— Muito bem — comentou. — Mas eu cá ficava-me pela gritaria. Não me parece que o meu pai ia gostar que matasses os lobos dele.

Provavelmente nenhum deles lhe tocaria num fio de cabelo, tal como ela achava. Eu tinha quase a certeza de que tinha razão. Mas um dos carros que consegui distinguir era a camioneta vermelha de Ben. Nunca deixaria uma rapariga de treze anos sozinha estando Ben por perto, fosse filha de quem fosse.

Ninguém se meteu connosco enquanto caminhámos através do meu terreno nas traseiras.

— Belo carro — murmurou ao passar pelo cadáver doador do *Rabbit*. — O meu pai gostou mesmo muito que o tivesses posto aqui para ele. Fizeste bem. Disse-lhe que da próxima vez que te chateasse era provável que o pintasses com grafitis.

— O teu pai é um homem astuto — disse-lhe. — Vou guardar os grafitis para mais tarde. Decidi que da próxima vez que ele for desagradável, vou sacar três pneus. — Estiquei a mão e coloquei-a em posição oblíqua, como um carro com uma só roda.

Ela soltou uma risadinha.

— Ficava passado. Devias vê-lo quando os quadros na parede não estão direitos. — Alcançámos a vedação traseira e ela passou cautelosamente por cima do arame farpado já velho. — Se decidires pintá-lo, deixas-me ajudar-te?

— Claro — prometi. — Fico aqui à espera até entrares em segurança.

Voltou a revirar os olhos, mas exibiu um sorriso rasgado e correu em direção ao alpendre nas traseiras. Esperei até que me acenasse uma vez a partir da porta traseira de Adam e entrasse.

Quando levei o lixo à rua antes de ir para a cama, reparei que ainda havia imensos carros à porta da casa de Adam. Tratava-se de uma reunião longa, então. Fez-me sentir grata por não ser lobisomem.

Virei-me para entrar em casa e parei. Tinha sido estúpida. De nada serve ter os sentidos apurados se não se está a prestar atenção.

— Olá, Ben — disse ao homem estacado entre mim e a casa.

— Tens andado a contar histórias, Mercedes Thompson — pronunciou num tom agradável. Tal como Jesse dissera, ele tinha um sotaque britânico porreiro. Também não era feio, embora um tudo-nada efeminado para o meu gosto.

— Hem? — interroguei.

Atirou o seu molho de chaves ao ar e apanhou-o com uma mão, uma, duas, três vezes sem tirar os seus olhos dos meus. Se eu gritasse, Adam ouviria, mas, tal como lhe tinha dito anteriormente, eu não lhe pertencia. Era possessivo quanto bastasse, obrigadinha. Na verdade, não acreditava que Ben fosse estúpido ao ponto de me fazer alguma coisa, não com Adam por perto.

— «Fica aqui um bocado, Ben» — disse Ben, exagerando a lentidão e o arrastamento que a voz de Adam ainda preservava da infância passada no Sul profundo. — «Espera até que a minha filha chegue ao quarto. Não quero expô-la às tuas inclinações». — A última frase já não tinha a entoação de Adam mas o seu distinto sotaque britânico. Não fazia propriamente lembrar o Príncipe Carlos, mas antes algo próximo de Fagin, em *Oliver*¹².

— Não sei por que é achas que tenho alguma coisa a ver com isso — disse, encolhendo os ombros. — Tu é que foste corrido do bando de Londres. Se o Adam não te tivesse aceiteado, estarias metido num belo sarilho.

— O responsável não foi eu — grunhi agramaticalmente. Fiz um esforço para me abster de corrigi-lo. — E quanto à questão de teres alguma coisa a ver com isso, o Adam contou-me que o avisaste para manter a Jesse afastada de mim.

Não me lembrava de o ter feito, embora fosse possível que assim tivesse acontecido. Encolhi os ombros. Ben tinha chegado à cidade poucos meses antes, envolto numa série de mexericos. Tinham ocorrido três violações particularmente brutais no seu bairro em Londres, e a polícia andava atrás dele. Culpado ou não, o seu Alfa entendeu por bem mantê-lo na sombra e enviou-o para Adam.

A polícia não tinha provas que o incriminassem, mas após ter emigrado as violações acabaram. Verifiquei — a Internet é uma coisa espantosa. Lembrei-me de ter falado com Adam acerca disso, e de o ter avisado para o manter debaixo de olho quando estivesse perto de mulheres vulneráveis. Estava a pensar em Jesse, mas não me parece que lho tenha dito explicitamente.

¹² Filme musical britânico baseado no romance *Oliver Twist*, de Charles Dickens. (*N. do T.*)

— Tu não gostas de mulheres — disse-lhe. — És rude e cáustico. O que é que estás à espera que ele faça?

— Vai para casa, Ben — pronunciou uma voz profunda e melada mesmo atrás do meu ombro direito. Que diabo, se toda a gente me apanhava de surpresa era sinal de que andava a precisar de dormir mais.

— Darryl — disse, olhando para trás na direção do número dois de Adam.

Darryl era um homem alto, bem acima do metro e oitenta e cinco. A sua mãe era chinesa, contara-me Jesse, e o seu pai um membro de uma tribo africana que estava a tirar uma licenciatura em Engenharia numa universidade americana quando se conheceram. Os traços de Darryl eram uma mescla apelativa das duas culturas. Tinha a aparência de alguém que devia ser modelo ou figurar em filmes, mas era um engenheiro doutorado a trabalhar nos Laboratórios do Pacífico Noroeste numa espécie de projeto governamental altamente confidencial.

Não o conhecia bem, mas possuía aquele ar eminentemente respeitável que caracteriza certos professores universitários. Preferia tê-lo a ele atrás de mim em vez de Ben, mas não me sentia propriamente satisfeita por estar entre dois lobisomens, independentemente de quem fossem. Movi-me de lado até conseguir ter ambos no meu campo de visão.

— Mercy. — Acenou-me com a cabeça mas manteve-se de olhos cravados em Ben. — O Adam reparou que não estavas presente e mandou-me vir à tua procura. — Ao ver que Ben não respondia, acrescentou: — Não faças merda. Esta não é a melhor altura.

Ben enrugou os lábios pensativamente e depois sorriu, uma expressão que operou uma transformação notável no seu rosto. Apenas por instantes pareceu puerilmente encantador.

— Não se passa nada. Estou apenas a desejar boa noite a uma mulher bonita. Boa noite, querida Mercedes. Sonha comigo.

Abri a boca para fazer um comentário mordaz, mas Darryl olhou para mim e fez um gesto para que ficasse calada. Se tivesse uma boa resposta para dar, tê-la-ia dado de qualquer forma, mas não tinha, por isso mantive-me de boca fechada.

Darryl esperou que Ben se afastasse, e depois disse bruscamente:

— Boa noite, Mercy. Fecha as portas à chave.

A seguir, arrepiou caminho em direção à casa de Adam.

Suponho que entre o lobo morto e o desejo de Ben, era de esperar que tivesse pesadelos, mas em vez disso dormi um sono profundo e sem sonhos — pelo menos de que me lembrasse.

Dormi com o rádio ligado, porque de outro modo, com a minha audição, não faria outra coisa senão dormir sonecas a noite toda. Tinha experimentado tampões para os ouvidos, mas isso bloqueava os sons em demasia para a minha paz de espírito. De modo que optei por pôr música a tocar num volume baixo para bloquear os sons normais da noite, confiando que algo mais ruidoso me acordasse.

Houve algo que me acordou nessa manhã cerca de uma hora antes de o despertador tocar, mas embora tivesse baixado o volume da música e me tivesse posto à escuta, a única coisa que ouvi foi um carro com um motor *Chevy 350* bem abafado a afastar-se.

Rebolei para voltar a dormir, mas Medea apercebeu-se de que eu estava acordada e começou a miar para que a deixasse ir à rua. Não foi particularmente barulhenta, mas muito persistente. Decidi que já passara tempo suficiente desde o bilhete de Adam e que portanto deixá-la correr em liberdade não o faria sentir que estava deliberadamente a desafiá-lo. Também me daria algum sossego para que pudesse dormir aquela última hora.

Saí relutantemente da minha cama quente e vesti umas calças de ganga e uma t-shirt. Feliz por me ver de pé a mexer-me, Medea deu-me turras nas canelas e interpôs-se no meu caminho enquanto eu cambaleava para fora do quarto e através da sala de estar até à porta da frente. Bocejei e rodei o puxador, mas quando tentei abrir a porta, senti resistência. Algo a maninha fechada.

Com um suspiro exasperado, encostei o ombro à porta e esta moveu-se uns relutantes dois ou três centímetros, o suficiente para sentir o cheiro do que estava do outro lado: a morte.

Completamente desperta, fechei a porta e tranquei-a. Também sentira o cheiro de uma outra coisa, mas não queria admiti-lo. Corri de volta ao meu quarto, enfiei os pés nos sapatos e abri o cofre de armas. Agarrei na minha SIG de 9mm e introduzi-lhe um carregador com balas de prata, após o que meti a arma na parte de cima das minhas calças. Era fria, desconfortável e tranquilizadora. Mas não suficientemente tranquilizadora.

Na verdade nunca disparara contra nada a não ser alvos. Quando caçava, fazia-o sobre quatro patas. O meu pai adotivo, ele próprio um lobisomem, tinha insistido para que eu aprendesse a disparar e a fazer as balas.

Se se tratava de um assunto de lobisomens — e, depois da noite anterior, tinha de supor que assim era —, precisava de uma arma maior. Peguei na Marlin .444 e carreguei-a para lobisomens. Era uma espingarda curta, e pequena, a menos que se olhasse atentamente para o tamanho do cano. As balas de prata do tamanho de um batom davam a garantia de fazer com que até um lobisomem se sentasse e ficasse alerta, como costumava dizer o meu

pai adotivo. Depois encostava um dedo ao nariz, sorria, e dizia: «Ou se deitasse e ficasse alerta, se é que me entendes». A Marlin tinha sido a sua arma.

Senti a espingarda como uma presença confortável e fortificante quando abri silenciosamente a minha porta das traseiras e saí para a noite prévia à alvorada. O ar estava sereno e frio: inalei profundamente e cheirei a morte, inegável e final. Assim que contornei a esquina da caravana, vi o corpo no meu alpendre da frente, a bloquear a minha porta. Estava de cara voltada para baixo, mas o meu faro indicou-me quem era — tal como acontecera quando tinha aberto a porta. Quem quer que o tivesse despejado, fizera-o de forma muito silenciosa, acordando-me apenas quando o carro partiu. Agora já não havia mais ninguém ali, apenas Mac e eu.

Subi os quatro degraus do meu alpendre e agachei-me em frente ao rapaz. As minhas exalações enevoavam o ar, porém nenhuma névoa lhe subia do rosto e o seu coração não batia.

Rodei-o até ficar sobre as costas e o seu corpo ainda estava quente. Derretera a geada no local do alpendre onde tinha estado deitado. Cheirava à casa de Adam: uma fragrante mistura de lenha queimada com o pungente ambientador da preferência da governanta de Adam. Não consegui cheirar nada que me indicasse quem tinha matado Mac e o deixara como aviso.

Sentei-me na madeira do alpendre, coberta de geada, pousei a espingarda ao meu lado e toquei-lhe suavemente no cabelo. Não o conhecia o tempo suficiente para que ocupasse um lugar no meu coração, mas gostara do que tinha visto.

Um chiar de pneus que soou com estrépito pôs-me novamente de pé com a espingarda preparada. Um SUV de cor escura saiu disparado da casa de Adam como se o fogo do inferno o perseguisse. Na luz débil que precedia a alvorada, não fui capaz de distinguir de que cor era: preto ou azul-escuro ou mesmo verde. Podia inclusive ser o mesmo veículo que os vilões tinham conduzido na noite anterior na oficina — os carros mais recentes com desenhos semelhantes para mim são todos iguais.

Não sei por que razão demorei tanto tempo a perceber que ter Mac morto no meu alpendre significava que algo mau acontecera em casa de Adam. Abandonei o morto na esperança de ser útil aos vivos e atravessei o terreno nas traseiras da minha casa ao ritmo de um velocista com a arma enfiada debaixo do braço.

A casa de Adam estava iluminada como uma árvore de Natal. A menos que estivesse acompanhado, normalmente estava escura. Os lobisomens, à semelhança dos caminhantes, dão-se muito bem no escuro.

Quando cheguei à vedação que separava as nossas propriedades, afastei a espingarda do meu corpo e saltei sobre o arame farpado com uma

mão no topo do poste. Até aí transportava a Marlin sem o cão puxado, mas assim que aterrei no outro lado da vedação, puxei o cão para trás.

Teria entrado pela porta das traseiras se não tivesse ocorrido um estrondo tremendo na principal. Mudei de objetivo e percorri a parte lateral da casa a tempo de ver o sofá aterrar metade dentro metade fora do canteiro de flores que alinhava o alpendre, evidentemente lançado através da janela da sala de estar.

Excluindo o lobisomem que tinha matado na noite anterior, os lobisomens são ensinados a ser silenciosos quando lutam — é uma questão de sobrevivência. Só com a janela partida e a porta principal aberta de par em par é que consegui ouvir as rosnadelas.

Para ganhar coragem enquanto corria, sussurrei os palavrões que só costumo dirigir a parafusos enferrujados e peças que compro e não correspondem ao seu anúncio. *Santo Deus*, pensei, numa oração sincera, enquanto corria pelas escadas do alpendre acima, *por favor não permitas que nada de permanente tenha acontecido ao Adam ou à Jesse*.

Hesitei logo após ter atravessado o limiar da porta, com o coração na boca e a Marlin pronta a ser usada. Estava a arquejar, tanto dos nervos como do esforço, e o barulho interferiu na minha audição.

A maior parte da destruição parecia estar concentrada na sala de estar que tinha o pé-direito alto, logo a seguir ao vestíbulo. O tapete berbere branco nunca mais seria o mesmo. Uma das cadeiras da sala de jantar tinha sido reduzida a lascas depois de arremessada contra a parede, mas a parede também estava danificada: estuque despedaçado espalhava-se pelo chão.

A maior parte dos estilhaços da janela partida encontrava-se lá fora, no alpendre; o vidro no tapete era de um espelho que tinha sido retirado da parede e lançado sobre a cabeça de alguém.

A mulher-loba ainda ali estava, com um enorme pedaço do espelho cravado na espinha dorsal. Não era uma mulher-loba que eu conhecesse: não era uma das de Adam porque só havia três fêmeas no bando de Adam e eu conhecia-as a todas. Estava tão perto da morte que não iria constituir problema por um bom tempo, pelo que a ignorei.

Encontrei um segundo lobisomem debaixo do divã. (Gostava de pegar com Adam por causa do seu divã — Quantas divas esperas que caiam no teu divã, Adam?) Teria de comprar um novo. O assento estava partido, com lascas de madeira a perpassar o faustoso tecido. O segundo lobisomem jazia de peito para baixo no chão. A cabeça estava virada ao contrário e os seus olhos embaciados pela morte fitavam-me acusadoramente.

Pisei umas algemas cujas pulseiras estavam torcidas e partidas. Não eram de aço ou alumínio, mas de uma liga de prata qualquer. Ou eram

especificamente concebidas para prender um lobisomem ou eram um item especial de uma loja cara de artigos de sadomasoquismo. Deviam ter sido usadas em Adam; estando Jesse presente, ele nunca levaria para sua casa um lobo que tivesse de prender.

Os ruídos da luta provinham do local a seguir à esquina da sala de estar, na direção das traseiras da casa. Avancei paralelamente à parede, com vidro a esmigalhar-se debaixo das minhas solas, e detive-me no seu limite assim que escutei o barulho de madeira a rachar e senti o chão vibrar.

Espreitei cautelosamente pela esquina, mas não precisava de me preocupar. Os lobisomens envolvidos na luta estavam demasiado concentrados uns nos outros para me prestar atenção.

A sala de jantar de Adam era ampla e aberta, com portas de acesso ao pátio sobranceiras a um roseiral. O chão era em parqué de carvalho — o genuíno. A sua ex-mulher tinha comprado uma mesa para quinze pessoas a condizer com o chão. Essa mesa estava virada de pernas para o ar e enfiada na parede do lado oposto a cerca de um metro do chão. A frente do guarda-louça a condizer tinha sido partida, como se alguém tivesse arremessado um objeto volumoso e pesado contra ela. O resultado da destruição traduzia-se numa área razoavelmente ampla e desimpedida onde os lobisomens podiam lutar.

Assim que os vi, não pude fazer outra coisa senão sustar a respiração perante a rapidez e graciosidade dos seus movimentos. Apesar do seu tamanho, ainda assim os lobisomens assemelham-se mais ao seu primo grácil, o lobo cinzento norte-americano, do que a um Castim ou um São Bernardo, que têm um peso equivalente ao seu. Quando os lobisomens correm, movem-se com uma graciosidade silenciosa e letal. Mas na verdade a sua constituição não é propensa a que corram, mas a que lutem, e há neles uma beleza mortal que sobressai apenas na luta.

Só tinha visto Adam na forma de lobo umas quatro ou cinco vezes, mas era algo que não se esquecia. O seu corpo era de um prateado-escuro, quase azul, tendo por baixo uma pelagem com cores mais claras. Como num gato siamês, o focinho, as orelhas, a cauda e as patas escureciam até à cor preta.

O lobo com que lutava era maior, com uma cor bege amarelada mais comum nos coiotes do que nos lobos. Não o conhecia.

A princípio, a diferença de tamanho não me preocupou. Não se chega ao estatuto de Alfa sem se ter capacidade de lutar — e Adam fora um guerreiro antes da Transformação. Depois apercebi-me de que todo o sangue que estava no chão vertia da barriga de Adam, e que o clarão branco que vi no seu flanco era uma costela.

Mudei de sítio para conseguir uma posição de tiro mais favorável e levantei a espingarda, apontando o cano ao lobo que desconhecia, esperando até poder disparar sem correr o risco de atingir Adam.

O lobo de cor bege agarrou Adam pela nuca e abanou-o como um cão que matasse uma cobra. O gesto destinava-se a partir o pescoço a Adam, mas o outro lobo não o agarrava com firmeza, e em vez disso atirou Adam de encontro à mesa da sala de jantar, provocando um grande estrépito no chão e dando-me a oportunidade que esperava.

Alvejei o lobo na nuca a menos de dois metros de distância. Tal como me tinha ensinado o meu pai adotivo, disparei num ângulo ligeiramente descendente para impedir que a bala da Marlin o atravessasse e prosseguisse o seu trajeto até atingir alguém que estivesse no lugar errado a uma distância de cerca de quatrocentos metros.

As Marlin .444 não eram concebidas para a autodefesa doméstica; foram concebidas para matar ursos-pardos e, numa ou noutra circunstância, para alvejar elefantes. Exatamente o que o médico prescrevia para lobisomens. Um disparo à queima-roupa e estava morto. Caminhei até junto dele e disparei uma vez mais, só para tirar as dúvidas.

Normalmente não sou uma pessoa violenta, mas soube-me bem premir o gatilho. Amainou a raiva crescente que sentia desde que me tinha ajoelhado no meu alpendre ao pé do corpo de Mac.

Lancei um olhar a Adam, que jazia no meio da sua mesa de refeições, mas não se mexeu, nem para abrir os olhos. O seu elegante focinho estava coberto de sangue e o seu pelo prateado estava cheio de manchas escuras, pelo que era difícil distinguir a real dimensão dos seus ferimentos. O que eu conseguia ver era suficientemente mau.

Alguém tinha sido bastante competente na tarefa de esventrá-lo: distingui intestinos pálidos e o branco do osso onde a carne se tinha descolado das costelas.

É possível que esteja vivo, disse a mim mesma. Os meus ouvidos ainda zumbiam. Respirava com muita dificuldade, o meu coração batia acelerada e ruidosamente: poderia ser o suficiente para abafar o som do seu coração, da sua respiração. Nunca vira um lobisomem curar-se de tantos ferimentos, bem piores do que os dos outros dois lobisomens mortos ou os do que eu tinha matado na noite anterior.

Voltei a desprender o cão da espingarda e contornei os restos da mesa para tocar no focinho de Adam. Ainda assim não era capaz de perceber se estava a respirar.

Precisava de ajuda.

Corri em direção à cozinha onde, ao verdadeiro estilo de Adam, havia uma lista de nomes e números metodicamente organizada sobre a banca-

da, mesmo abaixo do telefone de parede. O meu dedo encontrou o nome de Darryl com os números do seu emprego, da sua casa e do seu *pager*, impressos em letras maiúsculas e pretas. Pousei a minha arma num sítio onde pudesse pegá-la rapidamente e marquei o número de casa em primeiro lugar.

«Ligou para a casa do Dr. Darryl Zao. Poderá deixar uma mensagem após o sinal ou contactá-lo para o seu *pager* através do número 543...» A voz grave e cavernosa de Darryl soava íntima apesar do carácter impessoal da mensagem.

Desliguei e tentei o número do seu emprego, mas também não estava lá. Tinha começado a marcar o número do seu *pager*, mas enquanto tentava entrar em contacto com ele, pus-me a pensar no nosso encontro na noite anterior.

«*Esta não é a melhor altura.*», dissera a Ben. Não tinha prestado especial atenção a isso na noite anterior, mas teria havido na sua voz uma ênfase especial? Referia-se ele, como eu tinha suposto, a todo o esforço que Ben tinha investido para se comportar da melhor maneira desde que fora banido de Londres? Ou tratar-se-ia de algo mais específico, do género: agora não, que temos questões mais importantes para resolver? Questões mais importantes como matar o Alfa.

Na Europa, era sobretudo através do assassinato que a chefia do bando mudava de mãos. O Alfa mais velho chefiava até que um dos machos dominantes mais novos e ávidos decidisse que aquele se tinha tornado muito fraco, atacando-o. Tinha conhecimento de pelo menos um Alfa europeu que matava qualquer macho que desse sinais de ser dominante.

No Novo Mundo, graças ao punho de ferro do Marrok, as coisas eram mais civilizadas. A liderança era sobretudo imposta de cima — e ninguém desafiava as decisões do Marrok, pelo menos não desde que eu o conhecia. Mas seria possível alguém ter entrado na casa de Adam e provocado tantos estragos sem o auxílio do bando de Adam?

Desliguei o telefone e fixei-me na lista de nomes, não me atrevendo a ligar a nenhum deles a pedir ajuda sem antes ficar a saber mais sobre o que se estava a passar. O meu olhar recaiu e deteve-se numa fotografia numa moldura de madeira, colocada ao lado da lista.

Uma Jesse mais nova sorria-me rasgadamente com um taco de beisebol por cima do ombro e um boné virado um bocadinho para o lado.

Jesse.

Peguei na minha espingarda e desatei a correr escada acima em direcção ao quarto dela. Não estava lá. Não era capaz de perceber se ali tinha tido lugar alguma luta ou não — Jesse tendia a viver num tumulto que se refletia no modo como mantinha o quarto.

Na forma de coiole, os meus sentidos são mais apurados. Portanto, escondi ambas as armas debaixo da cama, despi-me e transformei-me.

O cheiro de Jesse estava espalhado por todo o quarto, mas também detetei vestígios do humano que na noite anterior tinha enfrentado Mac na minha oficina. Segui o rasto do seu odor escada abaixo porque o cheiro de Jesse era demasiado dominante para que conseguisse distinguir um único rasto.

Estava quase a transpor o limiar da porta para o exterior quando um som me fez estacar. Abandonei temporariamente o rasto para investigar. A princípio, pensei que o que tinha escutado talvez fosse uma das peças de mobiliário derrubadas a pousar no chão, mas depois reparei que a pata dianteira esquerda de Adam se tinha mexido.

Logo após ter avistado esse movimento, apercebi-me de que conseguia ouvir o som quase impercetível da sua respiração. Talvez fossem apenas os sentidos mais apurados do coiole, mas era capaz de jurar que ele não estava a respirar anteriormente. Se estava vivo, havia muito boas possibilidades de assim se manter. Os lobisomens são duros.

Ululei de felicidade, avancei por cima dos destroços da sua mesa e lambi-lhe a cara ensanguentada uma vez antes de retomar a procura da sua filha.

A casa de Adam está situada no fim de uma rua sem saída. Diretamente em frente à sua casa existe uma rotunda. O SUV que eu tinha visto partir — presumivelmente com Jesse — deixara um curto rasto de borraça queimada — mas a maior parte dos carros não tem um cheiro individual até envelhecer. Este não deixara atrás de si o suficiente para que lhe pudesse seguir a pista, uma vez que o cheiro forte a borraça queimada se dissipara dos seus pneus.

Não havia mais rastos a seguir, nada que pudesse fazer por Jesse, nada que pudesse fazer por Mac. Concentrei a minha atenção em Adam.

O facto de estar vivo significava que não podia contactar o seu bando, não estando ele indefeso. Se algum dos dominantes tivesse a aspiração de se vir a tornar o Alfa, matá-lo-ia. Tão-pouco podia simplesmente levá-lo para a minha casa. Em primeiro lugar, assim que alguém se apercebesse de que ele tinha desaparecido, verificaria a minha casa. Em segundo lugar, um lobisomem gravemente ferido era perigoso para si próprio e para toda a gente à sua volta. Mesmo que pudesse confiar nos seus lobos, não havia no Bando da Bacia do Columbia nenhum dominante suficientemente forte para manter o lobo de Adam sob controlo até que ele recuperasse ao ponto de se controlar.

No entanto, sabia onde encontrar um.